



Centro Universitário de Brasília
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD

MAGALI BORATO VIANA

MINHA VIDA DE COIOTE

O DESENHO ANIMADO NA CONSTRUÇÃO DO SENTIDO DO TEXTO

Brasília
2008

MAGALI BORATO VIANA

MINHA VIDA DE COIOTE

O DESENHO ANIMADO NA CONSTRUÇÃO DO SENTIDO DO TEXTO

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* Língua Portuguesa – Texto e Discurso.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Christina Diniz Leal

**Brasília
2008**

MAGALI BORATO VIANA

MINHA VIDA DE COIOTE

O DESENHO ANIMADO NA CONSTRUÇÃO DO SENTIDO DO TEXTO

Trabalho apresentado ao Centro
Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD)
como pré-requisito para obtenção de
Certificado de Conclusão de Curso de
Pós-graduação *Lato Sensu* Língua
Portuguesa – Texto e Discurso.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Christina
Diniz Leal

Brasília, 7 de março de 2008.

Banca Examinadora

Prof. Dr.

Prof. Dr.

AGRADECIMENTO

À querida Profa. Maria Christina, meu especial muito obrigado como minha orientadora neste estudo, por sua constante alegria, jovialidade, meiguice, incentivo, firmeza, exigência e sobretudo enorme sabedoria e grande ser humano.

"Amigo é coisa prá se guardar do lado esquerdo do peito, dentro do coração"... (Milton Nascimento)
para sempre!

Meu muito obrigado aos meus queridos pais, irmãos e familiares, especialmente ao meu irmão Maurício e a minha sobrinha Maria Rita, por nossa permanente união e cumplicidade em todos os momentos da vida, principalmente nesta ocasião para mim tão importante.

Aos meus amados filhos, Rafael e Gustavo, embora tão longe, tão presentes em minha vida, meu muito obrigado por serem esses filhos maravilhosos e pelo incentivo a mim proporcionado.

E a todos os meus amigos, em especial às queridas colegas de trabalho, turma e grupo, Maria Geralda e Odette, pela constante ajuda e paciência, e aos estimados Fernanda Born e Prof. Dr. Gilson, pelo apoio dispensado nesse difícil e desafiador projeto, meu muito obrigado.

RESUMO

O propósito do presente trabalho é investigar quais são os principais recursos lingüísticos responsáveis pelo sentido e a expressividade do texto *Minha vida de Coiote*, uma coluna do jornalista Diogo Mainardi publicada na revista *Veja*, edição de 28 de junho de 2006. Para realizarmos esse estudo, temos como bases teóricas a Teoria Social do Discurso/Análise de Discurso Crítica, segundo Fairclough (2001), e as funções da linguagem, Halliday e Hasan (1991); os princípios da Estilística sob a ótica de Martins (2003), Bechara (2004), Agustini (2004) e Molinié (1986). A partir dos conceitos de dialogismo e intertextualidade de Bakhtin (1986, 1997 e 2000) e de acordo com Fairclough (2001) e Charaudeau e Maingueneau (2004), interpretamos o papel da interdiscursividade. Analisamos, além disso, o sentido da metáfora, bem como o do emprego dos tempos verbais. Enfocamos também o gênero desenho animado, particularmente o do *O Coiote e o Papa-Léguas*, base para a compreensão do sentido do texto. Apresentamos, ainda, informações sobre personalidades da História e da Literatura mencionadas, para que o leitor consiga, por meio desse conhecimento de mundo, uma relação interativa com o texto. Encerramos o trabalho destacando como os recursos lingüísticos presentes no *corpus* contribuem para construir as funções identitária, ideacional e relacional.

Palavras-chave: Análise de Discurso Crítica. Funções da linguagem. Interdiscursividade. Metáfora.

ABSTRACT

This study aims at investigating the main linguistic resources that generate meaning and expressivity in *Minha vida de Coiote* [My life as the Coyote], an article by journalist Diogo Mainardi, published in *Veja* on June 28, 2006. Theoretical bases include Social Theory of Discourse/Critical Discourse Analysis, according to Fairclough (2001), and language functions (Halliday and Hassan, 1991); the stylistic principles as described by Martins (2003), Bechara (2004), Agustini (2004), and Molinié (1986). Based on the concepts of dialogism and “intertextuality” by Bakhtin (1986, 1997, and 2000) and in accordance with Fairclough (2001), and Charaudeau and Maingueneau (2004), we assess the role of interdiscursivity. Additionally, we analyze the meanings of metaphors, as well as the use of verbal tenses. We also focus on the cartoon genre, particularly in *Wile E. Coyote and Road Runner*, basis for the comprehension of meaning in the text. We also include information about the alluded characters from History and Literature, in order to enable the reader, by means of this commonsense knowledge, to establish an interactive relationship with the text. We end our work highlighting how linguistic resources present in the corpus contribute in building up personal, ideational, and relational functions.

Keywords: Critical Discourse Analysis. Language Functions. Interdiscursivity. Metaphor.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
1.1 TEORIA SOCIAL DO DISCURSO E ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA	11
1.1.1 Conceito de discurso e seus efeitos construtivos	11
1.2 AS TRÊS FUNÇÕES DA LINGUAGEM	13
1.2.1 Conhecimento de mundo, prévio e compartilhado	14
1.3 ESTILÍSTICA	17
1.3.1 Histórico e conceito de Estilística	17
1.3.2 Diferença entre norma e desvio	19
1.3.3 Transbordamento das regras	19
1.4 RECURSOS LINGÜÍSTICOS	20
1.4.1 Dialogismo e intertextualidade explícita ou implícita	20
1.4.2 Interdiscursividade	23
1.4.3 Metáfora – Conceito e funções	25
1.4.3.1 Metáforas da vida cotidiana	28
1.4.4 Tempos verbais	29
CAPÍTULO 2 METODOLOGIA E CORPUS	34
2.1 A METODOLOGIA	34
2.2 A CONSTITUIÇÃO DO CORPUS	36
2.2.1 Contexto histórico	38
2.2.2 Gênero desenho animado – Breves considerações	41
2.2.3 Apresentação do desenho animado <i>O Coiote e o Papa-Léguas</i>	41
CAPÍTULO 3 O CORPUS EM ANÁLISE	45
3.1 A INTERDISCURSIVIDADE	45
3.2 O SENTIDO DA METÁFORA	51
3.3 AS FUNÇÕES DA LINGUAGEM	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS	69
ANEXO A INFORMAÇÕES SOBRE AS PERSONALIDADES DA HISTÓRIA E DA LITERATURA	71
ANEXO B REFERÊNCIAS HISTÓRICO-POLÍTICAS DO GOVERNO LULA	79

INTRODUÇÃO

O curso de pós-graduação em Língua Portuguesa – Texto e Discurso chegara ao final e, conseqüentemente, a tão difícil e relevante hora de escolher o tema da minha monografia estava próximo. Devo confessar que, desde o início do curso, interessei-me sobremaneira pelas duas primeiras disciplinas ofertadas, *Gramaticalidade em uso e Lingüística Textual*.

Toda a bagagem teórica apreendida nesses dois módulos e também nos demais resultou na minha escolha para o objetivo desta monografia: investigar quais os principais recursos lingüísticos responsáveis pelo sentido e a expressividade do texto *Minha vida de Coiote*, de Diogo Mainardi

Gostaria de explicar também o motivo da escolha do texto, como objeto de análise crítica para a pesquisa. Sou assinante da revista *Veja* e, sempre quando a recebo, semanalmente, o primeiro artigo que escolho para ler é justamente a coluna do autor do texto, que chama a minha atenção por seu humor, sua crítica, sua sátira, seu modo incisivo e preciso no ato de escrever. O papel de seu artigo é analisar e comentar fatos, principalmente políticos, que aconteceram na semana, como também outros importantes acontecimentos da realidade brasileira.

A coluna publicada na revista *Veja*, no dia 28 de junho de 2006, edição 1.962 – ano 39 – nº 25, é um artigo de opinião, que critica e denuncia de maneira contundente e ferrenha, com forte apelo, o governo conturbado do nosso atual Presidente da República Luís Inácio Lula da Silva, seus escândalos, corrupção e também episódios de improbidade político-administrativos.

Escolhi o presente artigo, *Minha vida de Coiote*, por se tratar, a meu ver, de um texto complexo, altamente instigante e provocador, que nos conduz, por meio de

vários recursos nele inseridos, a realizar uma leitura prazerosa, mas que, ao mesmo tempo, nos remete a uma reflexão crítica dos problemas que nos rodeiam diariamente, principalmente os da nossa realidade política.

Este estudo pretende desenvolver uma análise dos recursos lingüísticos utilizados no texto, a saber: dialogismo, intertextualidade, interdiscursividade, metáfora, bem como os tempos verbais empregados.

O trabalho está organizado nos seguintes capítulos: no Capítulo 1, apresentamos a fundamentação teórica, constituída pela Teoria Social do Discurso e Análise de Discurso Crítica/ADC, com base em Fairclough (2001); as funções da linguagem, segundo Halliday e Hasan (1991) e os princípios da Estilística, sob a ótica de Bechara (2004), Martins (2003), Agustini (2004) e Molinié (1986). Esse capítulo é constituído, também, pela apresentação dos recursos lingüísticos que serão analisados no texto: o dialogismo, a intertextualidade e a interdiscursividade, utilizando os estudos de Bakhtin (1986, 1997 e 2000), Fairclough (2001), Charaudeau e Maingueneau (2004), além de Koch (2006). A metáfora, de acordo com Moisés (1978) e Lakoff e Johnson (2002). Quanto aos tempos verbais, tomamos por base Weinrich (1968), Koch (2004) e Cunha e Cintra (2001).

No Capítulo 2, tratamos dos procedimentos metodológicos utilizados: a Análise de Discurso Crítica/ADC e a Análise Estilística. Este capítulo contém, ainda, a apresentação do *corpus*, *Minha vida de Coiote*, seu contexto histórico, breves considerações sobre o gênero desenho animado, particularmente o de *O Coiote* e o *Papa-Léguas*, de Chuck Jones, do qual o autor extraiu interessantes subsídios, inspiração e recursos para a construção de sua coluna.

No Capítulo 3, apresentamos a análise dos recursos lingüísticos selecionados, de grande expressividade e importância para o significado do texto: a interdiscursividade, a metáfora e as funções da linguagem.

A seguir, tratamos das considerações finais da monografia. Destacam-se a relevância fundamental do gênero de discurso do desenho animado no texto, o sentido da metáfora, da interdiscursividade e do conhecimento de mundo para a compreensão do mesmo.

Ressaltamos também que o objetivo primordial dessa leitura crítica do *corpus* é que nós, meros leitores, alguns inocentes, outros mais astutos, passemos da condição de simples espectadores de nossa realidade a uma posição mais crítica em relação a textos com forte poder de manipulação da linguagem pela mídia, como no caso presente.

Finalizamos o trabalho apresentando as referências e a unidade dos anexos, esta composta por dois itens: o Anexo A, que contém as informações sobre as personalidades da História e da Literatura citadas ao longo do texto; e o Anexo B, formado por cinco colunas do próprio autor do texto, Diogo Mainardi, que inclui seus esclarecimentos sobre as referências histórico-políticas do governo Lula, também mencionadas. O propósito dessa unidade é contribuir para a compreensão total do *corpus*.

Faz-se necessário ressaltar que a toda hora somos instados a ler e a interpretar textos, condição esta presente tanto no meio profissional e acadêmico, quanto em toda a nossa trajetória de vida. Daí a importância desta investigação, pois ela desenvolve uma leitura crítica, imprescindível para o nosso aprimoramento intelectual, profissional e pessoal. É o que desejo e espero com essa análise.

CAPÍTULO 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este trabalho terá como suporte, em primeira instância, a Teoria Social do Discurso, principalmente no que concerne à Análise de Discurso Crítica, e à Estilística.

1.1 TEORIA SOCIAL DO DISCURSO E ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA

A Análise de Discurso Crítica/ADC toma por base a concepção tridimensional do discurso de Fairclough (2001), que compreende texto, prática discursiva e prática social, cada uma delas de grande valia na análise de discurso. Essa concepção baseia-se em três tradições analíticas, quais sejam a tradição de análise textual e lingüística, a tradição macrossociológica, que analisa a prática social, e a tradição interpretativa ou microssociológica, que considera a prática social como o que as pessoas produzem e entendem de acordo com o senso comum partilhados.

1.1.1 Conceito de discurso e seus efeitos construtivos

O mesmo autor conceitua o termo “discurso” como forma de prática social, e não como atividade individual ou mesmo como reflexo de variáveis de dada situação. Desse conceito, então, surgem duas implicações: primeiro, a que considera o discurso um modo de ação, no qual as pessoas agem sobre o mundo e sobre os outros e, também um modo de representação. Segundo, que há uma relação dialética entre o discurso, ou melhor, entre a prática social e a estrutura social, sendo que esta é tanto condição quanto efeito daquela.

Segundo ainda Fairclough (2001), se por um lado o discurso é restringido pela estrutura social mediante suas classes, instituições, normas e convenções, por outro, ele é socialmente constitutivo, isto é, o discurso é uma prática de representação do mundo, mas também de significação, constituindo o mundo em significado.

Esse teórico distingue três aspectos dos efeitos construtivos do discurso. Em primeiro lugar, o discurso contribui para a construção das “identidades sociais” e “posições de sujeito” para os “sujeitos” sociais e os tipos de “eu”. Em segundo lugar, o discurso contribui nas relações sociais entre as pessoas. E em terceiro lugar, o discurso contribui para a construção de sistemas de conhecimento e crença, ou seja, para a representação do mundo.

Esses três efeitos construtivos do discurso correspondem, pois, às três funções da linguagem. São elas: a função identitária, caracterizada pelo estabelecimento das identidades sociais no discurso; a função relacional, que nos revela como as relações sociais entre os participantes do discurso são organizadas e, por último, a função ideacional, que nos mostra como os textos significam o mundo, seus processos, entidades e relações.

Não poderíamos deixar de mencionar, neste tópico, a figura do principal teórico acerca das funções da linguagem, Halliday, que nos deixou importantes e elucidativos estudos.

Para Halliday e Hasan (1991), a princípio, a palavra “função” seria um sinônimo de “uso”, o modo como as pessoas usam sua língua. Mais tarde, entenderam que a função da língua não é somente uma variação e seu uso mas, sim, algo que é construído nela, como seus alicerces, sua própria estrutura e,

principalmente, a organização do seu sistema semântico. Portanto, toda língua natural deve ser entendida em termos de uma teoria funcional.

1.2 AS TRÊS FUNÇÕES DA LINGUAGEM

Esses teóricos classificam as funções da linguagem em três sentidos: primeiro, como sentido experiencial, que é aquele que trata da representação de algum fenômeno no mundo real, reconhecível, e como ele é apreendido por nós. Poderíamos falar sobre “língua como reflexão”; segundo, como sentido interpessoal, que é aquele que trata do processo de interação social, cuja interpretação não é mais um modo de pensar, mas sim de fazer. Aqui poderíamos falar da “língua como ação”, havendo, nesse caso, uma interação entre falante e ouvinte; e terceiro, como sentido lógico ou textual, que é aquele que torna um texto diferente de um exemplo de verbalização artificial, isto é, o equilíbrio semântico e gramatical entre as linhas, a estrutura temática e métrica, o ritmo e o foco da informação representam faces diferentes da tessitura da linha.

Ao defrontarmos as teorias de Halliday e Fairclough, notamos que elas possuem conceitos mais ou menos idênticos que se diferenciam somente na nomenclatura.

Segundo Fairclough (2001, p. 92), “as funções identitária e relacional são reunidas por Halliday (1978) como a função interpessoal. Halliday também distingue uma função ‘textual’ que pode ser utilmente acrescentada a minha lista...”.

Gostaríamos de destacar, também, que Halliday e Hasan (1991) fazem menção a outros estudiosos que nomearam as funções da linguagem com terminologias diferentes, como, por exemplo, Malinowski (1923, *apud* HALLIDAY;

HASAN, 1991), que as classificou em duas grandes categorias: pragmática e mágica.

Já Karl Bühler (1934, *apud* HALLIDAY; HASAN, 1991), que estava preocupado mais com o ponto de vista do indivíduo, fez a distinção entre linguagem expressiva, conativa e representacional.

Desde já, é importante ressaltar que usaremos a nomenclatura das funções da linguagem descritas por Fairclough, por conterem elas um conceito mais claro e completo para nosso entendimento.

1.2.1 Conhecimento de mundo, prévio e compartilhado

Para que o sentido do texto e todas as funções da linguagem presentes possam ser apreendidos pelo leitor, é necessário que produtor e leitor tenham conhecimento de mundo compartilhado.

Para tratar desse assunto, teremos como base teórica os fundamentos de Koch (2006), Koch e Travaglia (2006), Koch e Elias (2006) e Fávero (2001).

Koch e Elias (2006) dão a mesma definição para conhecimento de mundo ou conhecimento enciclopédico – uma espécie de *thesaurus* mental –, que são os conhecimentos gerais que temos sobre o mundo, bem como as vivências pessoais adquiridas e eventos espaço-temporalmente situados, guardados na memória, que nos permitem compreender a produção de sentidos nos textos.

A partir da década de 80, surge uma nova orientação nos estudos do texto, tendo como ponto principal os processos de ordem cognitiva, pois o texto passa a ser considerado resultado de processos mentais.

Segundo Koch (2006, p. 21), “[...] os parceiros da comunicação possuem saberes acumulados quanto aos diversos tipos de atividades da vida social, têm conhecimentos representados na memória que necessitam ser ativados para que sua atividade seja coroada de sucesso.”

Esses indivíduos trazem, pois, algumas expectativas e ativam seus conhecimentos e experiências para a situação comunicativa da construção do texto como, também, para a sua compreensão.

Podemos afirmar, então, que tanto o produtor do texto quanto o leitor possuem um conhecimento enciclopédico, semântico ou conhecimento de mundo que se encontram armazenados na memória de cada um deles. Esses conhecimentos podem ser do tipo declarativo, isto é, proposições a respeito dos fatos do mundo, ou do tipo episódico, constituídos por “modelos cognitivos” adquiridos por meio da experiência.

Os modelos cognitivos constituem, portanto, conjuntos de conhecimentos sociais e culturais determinados e adquiridos pela vivência particular de cada indivíduo, armazenados na memória episódica. Após uma série de experiências do mesmo tipo, esses modelos se tornam similares aos dos demais componentes de um grupo social, passando a fazer parte da memória enciclopédica ou semântica.

Para Fávero (2001), podemos também distinguir a expressão conhecimento prévio como sendo aquele conhecimento organizado e armazenado em nossa memória, que faz parte de blocos de conhecimento denominados cognitivos globais, intensamente utilizados no processo de comunicação.

De acordo com Kleiman (*apud* FÁVERO, 2001, p. 71), “sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão”. Fávero (2001) continua dizendo que a compreensão de um texto se realiza pela ativação do conhecimento,

da memória, onde ele está guardado, buscando as informações úteis dos elementos presentes.

Para Koch (2006), não são os conhecimentos prévios somente os importantes no processamento textual, mas, também, os conhecimentos compartilhados entre os interlocutores, os quais irão equilibrar aquilo que precisará ser explicitado ou não no texto.

Segundo Koch e Travaglia (2006), é impossível que duas pessoas partilhem o mesmo conhecimento de mundo, pois, como já foi dito anteriormente, cada um vai armazenando seus conhecimentos na memória.

Mas é necessário que produtor e receptor possuam ao menos alguma parcela de conhecimentos comuns, pois quanto maior for essa parcela, menor será a necessidade de explicitude textual.

Os elementos textuais, a informação “velha” ou “dada” é que remete ao conhecimento partilhado. Tudo aquilo que foi introduzido a partir daquela informação constituirá a informação “nova” trazida pelo texto.

Se o texto contiver somente informação “dada”, ele será redundante, não alcançará seu propósito comunicativo. Ao passo que, se um texto contiver apenas informação “nova”, será impossível para o receptor processar cognitivamente aquele texto.

A coerência de um texto será abortada se pressuposições falsas de conhecimento partilhado não forem processadas adequadamente pelo interlocutor.

1.3 ESTILÍSTICA

Considerando que a pesquisa pretende também analisar os recursos estilísticos da linguagem, gostaríamos de apresentar rapidamente o histórico e o conceito da palavra Estilística, a diferença entre norma e desvio e a questão do transbordamento das regras.

1.3.1 Histórico e conceito de Estilística

Como diz Martins (2003), é no século XX que essa palavra passa a designar uma disciplina ligada à Lingüística, graças a dois mestres que lideram duas correntes diferentes: Charles Bally (1865-1947), doutrinador da Estilística da língua, e Leo Spitzer (1887-1960), doutrinador da Estilística literária.

Bally (*apud* MARTINS, 2003, p. 4) “inicia, assim, a *Estilística da língua ou da expressão lingüística*, que se ocupa da descrição do equipamento expressivo da língua, como um todo, opondo a sua Estilística ao estudo dos estilos individuais e afastando-se, portanto, da literatura.”

Bally foi o primeiro teórico a fazer a distinção entre o conteúdo lingüístico e o estilístico, além de mostrar que um mesmo conteúdo pode ser expresso de diferentes modos.

Spitzer (*apud* MARTINS, 2003, p. 7), ao contrário de Bally, é da corrente que trata da Estilística *literária*, também chamada de *idealista*, *psicológica* e *genética*. “A Estilística de Spitzer parte da reflexão, de cunho psicologista, sobre os desvios da linguagem em relação ao uso comum [...] O estilo do escritor – a sua maneira individual de expressar-se – reflete o seu mundo interior, a sua vivência.”

Agora vamos ao conceito que a própria Martins (2003) nos apresenta sobre Estilística: é uma das disciplinas que trata dos fenômenos da linguagem, tendo por objeto o estilo, que por sua vez, é aplicado a tudo que apresenta características particulares, desde as mais altas até as mais banais criações artísticas.

Na língua portuguesa, podemos citar Manuel Rodrigues Lapa (*apud* MARTINS, 2003) como um seguidor da teoria de Bally, que estuda o vocabulário português, as classes de palavras, além das construções sintáticas, principalmente a concordância irregular.

Segundo J. Mattoso Câmara, que também trabalha com a língua portuguesa (*apud* MARTINS, 2003), a Estilística é considerada como uma disciplina complementar da Gramática, pois enquanto esta estuda a língua como meio de representação, a outra a estuda como meio de exprimir estados psíquicos (expressão) ou de atuar sobre o interlocutor (apelo). Ele considera estilo como o uso da língua que ultrapassa o plano intelectual. Esse teórico ainda vai mais adiante ao dizer que o traço estilístico não é uma maneira pessoal de dizer algo; tampouco, quando algo é pessoal, tem-se necessariamente um traço estilístico. O autor quis dizer que o traço não é pessoal, mas que ele existe na língua.

Vamos nos valer agora dos conceitos do mestre Bechara, cujo embasamento teórico é de grande valia no trato desse aspecto “a Estilística é a parte dos estudos da linguagem que se preocupa com o *estilo*. [...] Entende-se por *estilo* o conjunto de processos que fazem da língua representativa um meio de exteriorização psíquica e *apelo*.” (BECHARA, 2004, p. 615).

Bechara nos deixa clara a importância da Estilística, tanto para o estudo de uma língua quanto para o aprimoramento do sentimento estético e expressivo que cada escritor necessita deixar transbordar no ato de sua criação verbal.

1.3.2 Diferença entre norma e desvio

Uma questão central nos estudos estilísticos é a relação entre norma e desvio.

Tomemos Monteiro (2005) para nos explicar a diferença entre os conceitos da norma e do estilo (como desvio), pois ambos encerram vários sentidos. Para esse autor, a norma constitui as construções lingüísticas, das quais a maioria da população faz uso, enquanto que os desvios são modificações devidas ao desconhecimento, cansaço mental ou mesmo para serem utilizados como recurso de expressão.

Já para o gramático Bechara (2004, p. 618), deve-se encarar o estilo não como deformação da norma lingüística, mas, sim, detectar a distinção do que seja um traço lingüístico e um erro gramatical: “O traço estilístico pode ser um desvio ocasional de norma gramatical vigente, mas se impõe pela sua intenção estético-expressiva. O erro gramatical é o desvio sem intenção estética.”

1.3.3 Transbordamento das regras

Agustini (2004) nos apresenta uma tese bem interessante sobre o transbordamento das regras na gramática. Ela nos explica que nos textos gramaticais há uma relação de complementaridade entre gramática e estilística. Essas partes “complementares” podem aparecer de dois modos na gramática: primeiro, em posição externa, isto é, a estilística situa-se em capítulo separado, como por exemplo, como um apêndice, externo ao corpo da gramática. Ratificando, o que é da ordem da gramática vem separado do que é da ordem da estilística, cada

qual em seu lugar específico. Segundo, em posição interna, ou seja, a estilística aparece configurada como uma “parte complementar” em posição interna à gramática, isto é, somente são colocados nos textos gramaticais os casos de estilística incluídos por questões estético-expressivas, considerados como valores afetivos.

Transbordamento da regra é o que a autora designa às “partes complementares” externas ou internas na gramática, apontando para o caráter normatizador e político da mesma.

Como ela mesma ratifica (AGUSTINI, 2004, p. 13), “o transbordamento da regra, portanto, existe porque o gramático o enuncia. Sem a enunciação do gramático, não há transbordamento da regra, o que nos autoriza falar em ‘enunciação do transbordamento das regras’.”

1.4 RECURSOS LINGÜÍSTICOS

Nesta unidade apresentamos os conceitos dos recursos lingüísticos que serão analisados no Capítulo 3: o dialogismo, a interdiscursividade e a metáfora.

1.4.1 Dialogismo e intertextualidade explícita ou implícita

Para discorrermos a respeito de conceitos como dialogismo, intertextualidade e interdiscursividade, levamos em conta os preceitos de Bakhtin (1986, 1997, 2000), Fairclough (2001), Charaudeau e Maingueneau (2004) e Koch (2006).

Bakhtin (1986) nos ensina que o diálogo é uma das formas mais importantes da interação verbal, que, por sua vez, constitui a realidade fundamental da língua.

Segundo ele, podemos compreender a palavra “diálogo” não só como uma comunicação em voz alta, entre pessoas, mas também como qualquer tipo de comunicação verbal, vinculada a uma situação concreta.

Para Bakhtin (1997), o fenômeno dialógico é quase universal, atravessando todo o discurso do ser humano, todas as suas manifestações de vida, tudo o que tem sentido e valor.

O dialogismo (BAKHTIN, 2000) representa a presença das palavras do outro, ocultas ou semi-ocultas, dentro de qualquer comunicação verbal. Um enunciado é marcado pela alternância dos sujeitos falantes por meio de seus matizes dialógicos.

O discurso escrito “responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio etc.” (BAKHTIN, 1986, p. 123).

Com base nos estudos de Bakhtin (*apud* FAIRCLOUGH, 2001), Kristeva criou o termo “intertextualidade” no final dos anos 1960.

O tema da intertextualidade tem sido amplamente estudado pela Lingüística atual, devido a sua grande relevância para a construção do sentido de um texto.

Para Bakhtin (*apud* FAIRCLOUGH, 2001, p. 134), “cada enunciado é um elo na cadeia da comunicação” e

nossa fala [...] é preenchida com palavras de outros, variáveis graus de alteridade e variáveis graus do que é de nós próprios, variáveis graus de consciência e de afastamento. Essas palavras de outros carregam com elas suas próprias expressões, seu próprio tom avaliativo, o qual nós assimilamos, reatualizamos e reacentuamos.

Segundo Fairclough (2001), a intertextualidade acontece quando os textos aparecem com referências a outros textos, de uma maneira explícita, implícita ou mesclada. O texto original pode assimilar, contradizer e ecoar, de modo irônico ou não, esses fragmentos.

A intertextualidade, de certa forma, se apodera dos textos historicamente, transformando o passado, isto é, os textos prévios, no presente. É o que Kristeva (*apud* FAIRCLOUGH, 2001) também observa quando diz, por um lado, que a intertextualidade implica “a inserção da história em um texto”, isto é, o texto absorve e é construído de textos do passado e, por outro lado, quando implica “a inserção do texto na história”, isto é, o texto retrabalha textos passados, ajudando a fazer história e processando mudanças sociais, antecipando textos subseqüentes.

Koch (2006) também aborda a questão da intertextualidade. Para a autora, a intertextualidade acontece quando em um texto há outro texto (intertexto) já produzido e que faz parte da memória social ou discursiva de uma sociedade.

Koch (2006) classifica a intertextualidade de duas maneiras: explícita ou implícita.

A intertextualidade é explícita quando no próprio texto é feita menção à fonte do intertexto, como acontece nas citações, por exemplo.

A intertextualidade é implícita quando se introduz no texto um intertexto alheio, sem menção da fonte, colocado até para efeito de argumentação, comparação, ironia, sentido metafórico, entre outros. No caso dessa intertextualidade, o produtor do texto espera que seus leitores sejam capazes de detectar e entender a presença do intertexto, pois, caso isso não aconteça, a construção do sentido do texto estará perdida.

Quando os textos-fonte são de domínio popular, torna-se fácil recuperá-los pela memória. Mas, em sentido contrário, quando os textos-fonte tratam de textos literários, jornalísticos, publicitários ou políticos, o reconhecimento dos textos não é garantido, fazendo com que o texto produzido se torne pobre ou até mesmo sem valor e sentido, pois a construção de seu sentido ficará totalmente prejudicada.

Koch (2006, p. 148) preconiza que:

[...] o objetivo é, pois, levar o interlocutor a ativar o texto original, para argumentar a partir dele; ou então, ironizá-lo, ridicularizá-lo, contraditá-lo, adaptá-lo a novas situações, ou orientá-lo para um outro sentido, diferente do sentido original. Os autores reconhecem que essa distinção coloca problemas de fronteira, mas acreditam que possui valor operatório.

1.4.2 Interdiscursividade

De acordo com os analistas de discurso franceses (*apud* FAIRCLOUGH, 2001), a intertextualidade pode ser ‘manifesta’ ou ‘constitutiva’.

Na intertextualidade manifesta, os textos estão explicitamente presentes no texto em análise, ‘manifestamente’ marcados na superfície de seu corpo de duas maneiras diferentes: no discurso direto e no indireto. No discurso direto aparece o verbo *dicendi*, o uso de aspas, travessão etc. Esse tipo de discurso usa as palavras exatas da pessoa quando as relata. Exemplo: “Sra. Thatcher avisou aos colegas de Gabinete: ‘Eu não vou ser responsável por nenhuma deserção agora’.” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 140). E no discurso indireto, as aspas e outros recursos utilizados no discurso direto desaparecem, dando lugar a uma oração gramaticalmente subordinada à oração que relata, que tem o verbo *dicendi* seguido pela conjunção ‘que’. Exemplo: “Sra. Thatcher avisou aos colegas de Gabinete que ela não seria responsável por nenhuma deserção então.” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 140).

Ainda Fairclough (2001) é quem nos relata que, na intertextualidade constitutiva ou interdiscursividade, um texto é constituído por meio de outras convenções discursivas. A interdiscursividade é a constituição de um texto por meio de elementos de outras ordens de discurso; uma ordem de discurso é um tipo de

discurso de uma ordem social ou de um grupo social, por exemplo, o discurso jurídico, político, militar, médico etc. Os elementos de uma ordem de discurso são: gênero, tipo de discurso e estilo. As ordens de discurso são superiores aos tipos particulares de discurso, e estes são constituídos de elementos diversos daquelas ordens.

O autor nos afirma que o princípio da interdiscursividade se aplica a vários níveis, como, por exemplo, à ordem de discurso institucional, à ordem de discurso societária, ao tipo de discurso e aos elementos que o constituem.

Para Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 286), “todo discurso é atravessado pela interdiscursividade, tem a propriedade de estar em relação multiforme com outros discursos, de entrar no interdiscurso.” Para eles, o interdiscurso está para o discurso, assim como o intertexto está para o texto.

O “interdiscurso” é *um conjunto de discursos*, de um mesmo campo discursivo ou não, que têm relações de delimitação recíproca uns para com os outros.

Em um sentido mais amplo, os dois autores nos dizem que um dado *discurso particular* pode entrar em relação implícita ou explícita com o conjunto de outras unidades discursivas do mesmo gênero, ou não, formando, então, o “interdiscurso”.

Ainda Maingueneau (*apud* CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 287) nos revela que:

A enunciação não se desenvolve sobre a linha de uma intenção fechada; ela é de parte a parte atravessada pelas múltiplas formas de retomada de falas, já ocorridas ou virtuais, pela ameaça de escorregar naquilo que não se deve jamais dizer.

1.4.3 Metáfora – Conceito e funções

Relativamente à pesquisa proposta neste estudo, abordamos a seguir a figura de linguagem metáfora, devido ao seu papel de extremo significado para a compreensão e melhor entendimento do texto em foco.

Para definir a metáfora, temos como arcabouço teórico as considerações de Moisés (1978), Charaudeau e Maingueneau (2004), Martins (2003), Pontes (1990), Faraco e Moura (1992), Paschoalin e Spadoto (1996) e Lakoff e Johnson (2002).

Antes de mais nada, cabe ressaltar que, conforme Moisés (1978), a metáfora ocorre igualmente na linguagem falada e nos textos literários.

O primeiro conceito de metáfora deve-se ao filósofo Aristóteles (*apud* MOISÉS, 1978, p. 326): “a metáfora consiste no transportar para uma coisa o nome de outra, ou do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou da espécie de uma para a espécie de outra, ou por analogia.”

E Moisés (1978, p. 325) nos dá um exemplo de Fernando Pessoa dessa figura de linguagem : “O teu silêncio é uma nau com todas as velas pandas.”

Coincide com o conceito de Aristóteles o de Benveniste (*apud* MOISÉS, 1978, p. 330), no qual “a metáfora consiste na ‘transferência analógica de denominações’.”

Uma definição que provém de um filósofo latino, Quintiliano (*apud* MOISÉS, 1978) diz ser a metáfora um encontro entre “significados fixos e independentes”, onde se processa um contágio conceptual, o qual motiva a transição de um termo para o outro, resultando em uma aproximação semântica.

Há o seguinte conceito, que vale a pena destacar, por ser, a nosso ver, o mais completo e interessante, que é o de Pierre Caminade (*apud* MARTINS, 2003, p. 96):

A metáfora é o emprego de um significante com um significado secundário ou a aproximação de dois ou mais significantes, estando, nos dois casos, os significados associados por semelhança, contigüidade, inclusão. A metáfora resulta de uma busca, da qual participam a sensibilidade e a imaginação, controladas pelo espírito crítico do poeta. Ela faz o jogo complexo do significante e do significado; pode ser traduzida, parafraseada, pois é um desvio em relação à linguagem comum, transferência ou mudança de sentido. Transmite uma mensagem complexa semanticamente polivalente.

Também Paschoal (*apud* PONTES, 1990) comenta que a metáfora pode ser utilizada num sentido mais amplo, com o intuito de designar expressões figuradas. Mas, já num sentido mais específico, ela consiste numa aproximação que parece ser impossível entre dois termos – teor e veículo – cuja relação de similaridade resulta na construção de uma significação nova.

E Paschoal (*apud* PONTES, 1990) ainda afirma que a metáfora é um fenômeno essencialmente discursivo, e o produtor do texto possui liberdade de modificar as regras da língua para nele cunhar sua subjetividade criativa. Daí chegarmos à conclusão de que, se a metáfora é um fenômeno discursivo, ela deve ser pesquisada no âmbito discursivo da leitura.

Há vários gramáticos que nos dão suas contribuições de maneira bem simples e didática nesse campo, mais aplicada aos estudantes de escolaridade menos elevada, como por exemplo, Faraco e Moura (1992). Para eles, a metáfora se constitui em atribuir a uma pessoa ou coisa uma qualidade que não lhe cabe de maneira lógica. Há uma transferência de significado de um termo para o outro, que é baseado em semelhanças entre eles, que o emissor da mensagem encontra, resultando, pois, em uma ordem subjetiva. Exemplo: “A saudade é o revés do parto” (HOLANDA, *apud* FARACO; MOURA, 1992, p. 441).

E para Paschoalin e Spadoto (1996), a metáfora é o emprego de um termo com significado de outro, tendo em vista uma relação de semelhança entre ambos;

uma comparação subentendida. Exemplo: “O Brasil é *novo*, é um país *pivete*” (SILVA, *apud* PASCHOALIN; SPADOTO, 1996, p. 355).

Moisés (1978) destaca também a diferença entre comparação e metáfora: nem toda comparação equivale a uma metáfora, mas o contrário é verdadeiro, porque toda metáfora se forma em torno de uma comparação explícita ou implícita. Há uma comparação entre dois vocábulos ou frases que resultam em uma transformação de sentido de cada um deles, e o surgimento de um novo sentido que é decorrente do total da frase.

Para Quintiliano (*apud* CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004), a metáfora é freqüentemente ligada a uma “comparação abreviada.”

Segundo dois conceituados teóricos, Charaudeau e Maingueneau (2004), a metáfora é considerada a figura do discurso mais importante, referindo-se ela, simplesmente, às transferências por analogia. Por exemplo, “meu vizinho é um urso” para “um homem solitário” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 328).

Para esses autores, três funções são atribuídas à metáfora:

- . Uma função estética, que constitui a metáfora como um “ornamento brilhante” do discurso, voltada principalmente aos enunciados literários.
- . Uma função cognitiva, que permite à metáfora explicar analogicamente um domínio novo por um domínio conhecido.
- . Uma função persuasiva, que usa da metáfora para impor opiniões sem demonstrá-las, daí ser mais usada nos discursos políticos, morais, jurídicos ou midiáticos.

Como observa Boissinot (*apud* CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 330), “quanto mais a metáfora se apóia em um acordo preliminar e mais parece ser óbvia, mais seus efeitos manipuladores são importantes.”

1.4.3.1 Metáforas da vida cotidiana

Lakoff e Johnson (2002, p. 45) nos apresentam um estudo aprofundado da metáfora. Para eles, “a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação.”

Os conceitos que estão em nosso pensamento, dos quais normalmente não temos consciência, comandam o nosso cotidiano, pois pensamos e agimos de maneira tão automática que não os percebemos. É a linguagem, por ser a base da comunicação, que nos fornece indícios de como esse sistema funciona e de como ele é de natureza metafórica.

Para tanto, um exemplo se torna necessário, a fim de entender como a metáfora está inserida em um conceito e como ela se faz presente em nosso cotidiano.

Lakoff e Johnson (2002, p. 46) começam pelo conceito de “discussão” e pela metáfora conceptual “discussão é guerra”. Desse conceito surgem várias expressões, como:

“Ele *atacou todos os pontos fracos* da minha argumentação” (p. 46).

“Se você usar essa *estratégia*, ele vai *esmagá-lo*” (p. 46).

Portanto, podemos afirmar que “discussão é guerra” é uma metáfora em nossa cultura, pois caracteriza ações que utilizamos numa discussão.

O exemplo acima nos dá subsídios para dizermos que esse conceito metafórico estrutura o que fazemos ao discutirmos, assim como compreendemos o que fazemos. “A *essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra*” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 48).

Daí chegarmos à conclusão de que tanto o conceito quanto a atividade e a linguagem são metaforicamente estruturados. E os processos do pensamento são, de maneira geral, metafóricos.

Nesse sentido, as metáforas enquanto expressões lingüísticas existem, pois elas também estão presentes no sistema conceptual de cada ser humano.

1.4.4 Tempos verbais

O teórico alemão Weinrich (*apud* KOCH, 2004a) discorre sobre a função dos tempos verbais no discurso, dividindo-os em dois grupos ou sistemas temporais, ambos do Modo Indicativo: fazem parte do Grupo I, o Presente, o Pretérito Perfeito Composto, o Futuro do Presente, o Futuro do Presente Composto e locuções verbais formadas com tais tempos – mundo comentado; e, do Grupo II, o Pretérito Perfeito Simples, o Pretérito Imperfeito, o Pretérito Mais que Perfeito, o Futuro do Pretérito e também as locuções verbais construídas com esses tempos – mundo narrado.

O mesmo lingüista conclui que (*apud* KOCH, 2004a, p. 35):

[...] do mesmo modo que os tempos verbais, as **situações comunicativas** se repartem claramente em dois grupos, em cada um dos quais predomina um dos grupos temporais. Estabelece, então, sua distinção entre o **mundo comentado** e o **mundo narrado**. É graças aos tempos verbais que emprega que o falante apresenta o mundo – “mundo” entendido como possível conteúdo de uma comunicação lingüística – e o ouvinte o entende, ou como mundo comentado ou como mundo narrado.

Weinrich (*apud* KOCH, 2004b) ressalta, também, a importância de três características que constituem o sistema temporal, quais sejam a atitude comunicativa, a perspectiva e o relevo.

Primeiramente teceremos considerações a respeito do mundo comentado. Nesse tipo de comunicação, em que a seqüência deve ser interpretada como comentário, o mundo não é narrado. O autor assume a responsabilidade do que diz; enquanto que o ouvinte se encontra em uma atitude receptiva tensa, engajado e atento:

O falante está comprometido: tem de mover e tem de reagir e seu discurso é um fragmento de ação que modifica o mundo em um ápice e que, por sua vez, empenha o falante também em um ápice [...] **Comentar é falar comprometidamente.** (WEINRICH, *apud* KOCH, 2004a, p. 36).

Exemplos desse tipo de comunicação poderiam ser o de um pronunciamento público ou até mesmo uma confissão bem íntima: quando o receptor o escuta, ele não se encontra sereno, mas em atitude de tensão, pois as coisas de que o falante trata o afetam de maneira direta.

Discorremos agora sobre o mundo narrado. Quando narramos algo, empregamos os tempos do relato, a fim de que o ouvinte/receptor saiba que a comunicação é um fato, uma história, um relato, enfim. O locutor não está comprometido, pelo menos de maneira ostensiva, em relação ao que enuncia; e o interlocutor assume uma atitude passiva, relaxada, não tendo que reagir ao que está sendo dito. Exemplos desse caso poderiam ser a “descrição de um pequeno acontecimento, a informação de um jornal sobre um encontro político, a narração de uma aventura, uma lenda, um relato histórico, a narrativa em um romance. No relato, a história pode ser verdadeira ou inventada” (WEINRICH, 1968, p. 62).

Para o mesmo teórico (*apud* KOCH, 2004a), as formas verbais no discurso não caracterizam tempo cronológico mas, sim, uma situação comunicativa de relato ou comentário. Ele aborda o fato de as manchetes de jornal apresentarem geralmente o verbo no Presente do Indicativo (tempo do mundo comentado), cujo objetivo é chamar a atenção do leitor, pois é a partir dessas manchetes que se vai

comentar ou argumentar algo. Do mesmo modo, o autor também tece comentários a respeito do verbo no Pretérito Imperfeito (tempo do mundo narrado) em descrições no relato. Assim, para o lingüista, pode haver o emprego de tempos verbais do mundo narrado no mundo comentado, e vice-versa, o que ele denomina de metáfora temporal.

Se por um lado, os tempos do Grupo I, quando empregados em relato, levam consigo algo do compromisso e da tensão típicos do mundo comentado, por outro lado, os tempos do Grupo II, quando utilizados em situações comentadas, exprimem aspectos do relato, revelando atitude de distanciamento, relaxamento e falta de compromisso.

E como o próprio Weinrich (1968) nos alerta, é permitido passar do narrar ao comentar e do comentar ao narrar, mas sem prejudicar a compreensão do texto.

Os Modos Subjuntivo e Imperativo e as formas do Infinitivo, do Gerúndio e do Particípio são considerados semitempos por Weinrich (*apud* KOCH, 2004a), pois, por não pertencerem aos Grupos I e II, não caracterizam também o mundo narrado nem o comentado.

Passemos agora aos estudos dos gramáticos Cunha e Cintra (2001), no que se refere ao emprego dos modos e dos tempos verbais.

Para os autores, entende-se por “modo”

[...] a propriedade que tem o verbo de indicar a atitude (de certeza, de dúvida, de suposição, de mando etc.) da pessoa que fala em relação ao fato que enuncia; e, por “tempo”, a de localizar o processo verbal no momento de sua ocorrência, referindo-se seja à pessoa que fala, seja a outro fato em causa.” (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 448).

O Modo Indicativo caracteriza uma ação considerada na sua realidade ou certeza, tanto com referência ao presente quanto ao passado e ao futuro.

O Presente do Indicativo é empregado como: presente momentâneo (enuncia um fato que acontece no momento em que se fala); presente durativo (indica ações

e estados permanentes, ou seja, um dogma, uma verdade científica ou um artigo de lei); presente habitual ou freqüentativo (expressa uma ação habitual, ainda que não exercida no momento em que se fala); presente histórico ou narrativo (dá vivacidade a fatos acontecidos no passado) e, por último, presente que marca um fato futuro, mas próximo, acompanhado geralmente de um adjunto adverbial.

E por falar em presente histórico, para Maingueneau (1996, p. 61; 64):

O presente aorístico [...] Definindo processos sem duração e amputados da instância enunciativa, ele instaura um fora-do-tempo, um mundo ao mesmo tempo presente e perfeitamente desconhecido. [...] Exclui todo valor durativo e toda referência em relação ao momento da enunciação.

O Pretérito Perfeito Simples designa uma ação que foi produzida em um momento do passado. Ele é usado para “descrever o passado tal como aparece a um observador situado no presente e que o considera do presente.” (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 454). Em síntese, este tempo verbal apresenta uma ação completamente concluída, afastada do presente.

Os autores fazem ainda distinção de emprego entre o Pretérito Imperfeito e o Pretérito Perfeito: enquanto que o primeiro caracteriza um fato passado habitual, o segundo o caracteriza como não-habitual; se, por um lado, o Pretérito Imperfeito designa uma ação durativa, não limitada no tempo, por outro lado, o Pretérito Perfeito indica uma ação de momento, mas definida no tempo.

O Futuro do Presente é empregado para indicar acontecimentos certos ou prováveis, posteriores ao momento em que se fala; para exprimir a incerteza (probabilidade, suposição, dúvida) a respeito de fatos atuais; para servir como forma polida de presente; para exprimir súplica, desejo, ordem; para indicar afirmações condicionadas, quando estas se referem a fatos de possível realização.

Segundo ainda outro teórico,

Como se vê, os tempos podem ter tão variadas conotações à margem do seu sentido fundamental, tantos matizes semânticos sob a camada da mesma desinência temporal, que não seria descabido falar em *tempos-aspectos*, denominação que talvez cause estranheza, pois tempo é uma coisa, e aspecto, outra. (GARCIA, 1978, p. 72-73).

As formas nominais do verbo, que são o Infinitivo, o Gerúndio e o Particípio, dependem do contexto em que aparecem para poderem exprimir o seu valor temporal e modal (CUNHA; CINTRA, 2001).

O Infinitivo expressa a idéia da ação, aproximando-se do substantivo; o Gerúndio se caracteriza pelo processo verbal em curso, desempenhando funções do advérbio ou do adjetivo, e o Particípio apresenta o fim do processo verbal, acumulando as características de verbo com as de adjetivo, podendo até receber, como este, as desinências “a” de feminino e “s” de plural.

CAPÍTULO 2 METODOLOGIA E *CORPUS*

2.1 A METODOLOGIA

O presente trabalho tem como procedimento metodológico para o exame do texto a Análise de Discurso Crítica /ADC e a Análise Estilística.

A Análise de Discurso Crítica/ADC toma por base a concepção tridimensional do discurso de Fairclough (2001): texto, prática discursiva e prática social. A “descrição” é a etapa do procedimento que trata da análise textual, e a “interpretação” é a que trata da análise da prática discursiva e da prática social.

Segundo Fairclough (2001), a interpretação se dá em dois níveis: no primeiro nível devemos tentar construir um sentido para os aspectos dos textos, isto é, tentar entender o que o autor do texto quis nos transmitir, seus “traços” no processo de produção textual.

No segundo nível, devemos tentar construir um sentido para os aspectos dos textos utilizando de nossa interpretação, de como estes foram produzidos numa prática social mais ampla. Cada leitor tem a sua determinada visão de um texto e o interpreta, também, de acordo com o seu ponto de vista que é só dele, individual.

Devemos enfatizar que a análise textual nunca deve ser feita isoladamente, isto é, somente por meio de sua descrição, mas, também, e principalmente, por meio de sua interpretação. Portanto, as duas são necessárias na medida em que se interpenetram; uma não está separada da outra.

Já quanto ao exame dos recursos lingüísticos na etapa da “descrição”, vamos adotar a metodologia da Análise Estilística, segundo a proposta de Molinié (1986).

Segundo o autor, podemos estudar a Estilística pela expressão ou pelos efeitos do texto, mas ele próprio chegou à conclusão de que isso não funciona, pois a expressão não existe sem a interpretação.

A expressão consiste em analisarmos as determinações formais de um texto; já os efeitos, em perguntarmos como é realizado tal efeito em um *corpus* dado.

A abordagem, a partir dos efeitos do texto, baseia-se no método de Leo Spitzer (*apud* MOLINIÉ, 1986). Um determinado texto nos impregna e nos sensibiliza, forçando-nos a lê-lo várias vezes, a fim de encontrarmos seus mecanismos formais. Depois, fazemos o inverso: lemos o texto mais outras tantas vezes, novamente, e a partir de seus traços formais é que chegamos à impressão que ele nos cria. Uma mesma constelação lingüística pode acarretar efeitos diferentes. Daí chegarmos à conclusão de que fizemos um estudo de estilo e não de Estilística, pois esta só pode ser a estilística da expressão.

Na verdade, em uma primeira etapa de um trabalho de estilística devemos explorar todas as características da linguagem do texto em análise, isto é, esgotar todas as possibilidades lingüísticas que este nos oferece para, então, em uma segunda etapa, fazermos uma triagem do que nos parece mais relevante, isto é, “isolar, no resultado do trabalho, os elementos constitutivos e a combinação geradora que definem realmente a diferença específica do objeto textual considerado” (MOLINIÉ, 1986, p. 145). Então, a partir daí, estamos prontos para realizarmos a interpretação do texto em análise.

2.2 A CONSTITUIÇÃO DO CORPUS

O *corpus* escolhido é *Minha vida de Coiote*, uma coluna da revista *Veja*, de Diogo Mainardi, publicada no dia 28 de junho de 2006, edição 1.962 – ano 39 – nº 25, que constitui um artigo de opinião, o qual faz denúncias e críticas ao governo do Presidente Lula – os escândalos, a corrupção e episódios de cunho político-administrativos pouco confiáveis e obscuros.



Minha vida de Coiote

1 Lula é o Papa-Léguas. Eu sou o Coiote. Por quatro anos, imitei o desenho animado.
2 Recorri a todas as artimanhas para capturar a presa: catapultas, foguetes, patins a
3 jato, elásticos gigantes, tintas invisíveis, rochas desidratadas, comprimidos de
4 terremoto. Nada deu certo. Lula sempre conseguiu escapar. E depois de escapar,
5 como o Papa-Léguas, grasnou aquele estridente bip-bip em minha orelha,
6 assustando-me e fazendo-me cair num abismo, em geral com uma pedra de 10
7 toneladas na cabeça.

8 O maior achado do desenho animado de Chuck Jones é sua absoluta
9 essencialidade. Os dois protagonistas, mudos, confrontam-se num panorama
10 deserto, onde só há pedras e cactos, cujos espinhos terminam invariavelmente
11 fincados na pele do Coiote. O Papa-Léguas é uma besta primária, um oportunista
12 microcéfalo perfeitamente adaptado ao seu meio, que sabe apenas fugir e se
13 esquivar das ciladas preparadas pelo Coiote. O Coiote, por sua vez, é a caricatura
14 do humanista otário que acredita no triunfo da racionalidade, do conhecimento, do
15 engenho humano, da lei, do progresso social, da tecnologia. E é repetidamente

punido por causa disso. Se o Coiote é Lamarck, o Papa-Léguas é Darwin. Se o Coiote é o humanista Settembrini, o Papa-Léguas é o jesuíta Naphta. Se o Coiote é Bouvard e Pécuchet, o Papa-Léguas é a tempestade que devasta sua lavoura.

A comicidade do Coiote e do Papa-Léguas não está na variedade das piadas. Pelo contrário: está no repisamento infinito da mesma piada. O Coiote prepara uma armadilha. O Papa-Léguas passa incólume por ela. O Coiote se revolta e cai na própria armadilha. Quando se recupera de seus efeitos calamitosos, prepara outra armadilha, num ciclo interminável. Chuck Jones definiu o Coiote como um fanático, citando o filósofo George Santayana, para quem "um fanático é aquele que redobra seu empenho quando já esqueceu seu objetivo". Foi a fórmula que, semana após semana, tentei plagiar aqui na coluna. Com Lula no papel do Papa-Léguas e eu no do Coiote.

Chuck Jones dirigiu episódios do desenho animado de 1949 a 1965. Eu resisti bem menos. Depois de quatro anos, com dezenas de artigos sobre o Papa-Léguas lulista, o esquema se desgastou. No ano que vem, mudo definitivamente de assunto. Até lá, espero concluir algumas das histórias a que me dediquei no último período: do meu processo contra Lula, que já está no STF, à denúncia de que ele possui uma conta num paraíso fiscal. Da ação popular que pretendo mover contra a empresa de seu filho, que arrendou ilegalmente um canal de TV, à revelação de novos casos de financiamento ilícito ao PT. O resultado de meu esforço será o mesmo de sempre. O Papa-Léguas passará por mim a toda a velocidade, buzinando seu bip-bip. Eu, estupidamente, tentarei descobrir o que deu errado em meus planos e, de uma hora para outra, me verei caindo num abismo. Mas não ria. Porque você cairá junto comigo.

2.2.1 Contexto histórico

Nesta parte do trabalho, apresentamos um breve histórico sobre o autor do texto, ora em análise, assim como uma contextualização do momento histórico-político em que ele foi escrito.

Diogo Briso Mainardi é escritor, produtor, roteirista de cinema e colunista. Tornou-se muito conhecido ultimamente como jornalista devido à grande divulgação de sua coluna semanal na revista *Veja*, desde 1999, na qual faz críticas à sociedade brasileira e aos políticos, por excelência. Vale ressaltar que a revista *Veja* possui, de modo geral, um estilo jornalístico em que o aspecto crítico-analítico de seus artigos prevalece sobre o informativo.

Mainardi é dono de características peculiares bem marcantes por ser autêntico, sarcástico e polêmico, principalmente. Amado por alguns, mas odiado por outros, ele nos leva a refletir sobre vários problemas da atualidade de nosso País, apresentando-nos seus pontos de vista bastante originais e com intensa carga de humor.

Diogo é muito bem descrito pelo jornalista Bruno Garschagen em seu *blog*, (Disponível em: <<http://www.sobrediogo.blogger.com.br/>>. Acesso em: 07 jul. 2007), que tece comentários bastante pertinentes à sua figura. Para ele, o jornalista, ora em estudo, esmiúça em sua coluna na *Veja* as contradições do ser humano, a pobreza intelectual da sociedade em seus vários níveis, desde os mais humildes até os mais ricos, homens influentes e detentores de poder, que se aproveitam do momento a seu favor para seu bel-prazer. O colunista insiste sempre na mesma tecla, de que o governo tem a mesma posição diante dos acontecimentos que nos assolam a cada dia.

O jornalista é um crítico contumaz do governo do atual presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, sendo que seu alvo também é dirigido à classe política brasileira, em geral, assim como ao PT, Partido dos Trabalhadores, do qual Lula é um dos fundadores.

O governo Lula, ponto crucial de suas críticas em suas colunas, tem seu primeiro mandato iniciado em 1º de janeiro de 2003 (depois de cinco tentativas para chegar ao cargo presidencial), e findado em 1º de janeiro de 2007. Em outubro de 2006, Lula venceu a eleição presidencial, no segundo turno, contra o candidato do PSDB, Partido da Social Democracia Brasileira, Geraldo Alckmin, quando iniciou o seu 2º mandato, com previsão de término em 1º de janeiro de 2011.

As relações políticas do governo Lula têm sido conturbadas e terminaram em vários escândalos, entre os quais destacamos o do “mensalão”, que resultou na queda de ministros e na absolvição política da maioria dos congressistas envolvidos em episódios de improbidade; a quase crise diplomática envolvendo o jornalista Larry Rohter e o pedido de sua expulsão do País pelo fato de ter divulgado notícias sobre o excesso de consumo de bebida pelo Presidente e, particularmente, casos como o de seu filho Luis Fábio, o Lulinha, que teria enriquecido, após realizar um contrato valioso com a empresa de telecomunicações Telemar, da qual o governo é acionista.

Em entrevista ao site *novacorja* (Disponível em: <<http://www.insanus.org/novacorja/archives/017967.html>>. Acesso em: 07 jul. 2007), Diogo Mainardi comenta que atingiu o ápice de sua fama como colunista em 2005, quando o índice de aprovação do governo Lula atingiu o seu mais baixo percentual desde o começo de seu mandato, após os 96% de apoio popular que Lula havia conseguido, quando eleito. A partir daí, o jornalista passou a despertar ódio, sobretudo em petistas, por

causa de suas constantes e infundáveis denúncias sobre Lula e as maracutaias do partido. Para ele, o PT era uma mentira, pois só queria empregar seus amigos e parentes, além de “levar uma graninha” em tudo em que pusesse a mão.

São suas as palavras da entrevista que concedeu ao JB a respeito do PT (Disponível em: http://paginas.terra.com.br/lazer/crisonline/weblog/dicionario_dm.htm Acesso em: 07 jul. 2007):

Todas as minhas más expectativas estão sendo confirmadas. [...] vi que estava certo na maior parte dos pontos que denunciei antes da eleição: demagogia, ocupação de cargos, incompetência, mentiras eleitorais. Os petistas não têm uma interpretação moderna da sociedade brasileira, não têm idéia do que é o País. Todos os partidos brasileiros são desprovidos de caráter, mas o PT se elegeu com uma imagem de pureza que nunca teve. No poder, cristalizou a imagem de um partido que topa qualquer parada.

O jornalista não conseguiu até hoje derrubar Lula, mas tem contribuído muito para desmontar toda a ilusão, otimismo e esperança que o povo brasileiro depositou neste Presidente, homem vindo de uma classe mais baixa, a operária, possivelmente capaz de entender melhor os anseios da imensa e carente população, que, finalmente, poderia ser contemplada com um olhar mais benevolente.

Em mais uma de suas inúmeras entrevistas, agora ao Semana 3 (Disponível no mesmo *site*, com a mesma data de acesso), Diogo Mainardi tece o seguinte comentário, de caráter jocosos e escrachado, além de uma pitada de humor bem dosada acerca de seu sucesso como colunista:

A graça da minha coluna, em relação ao Lula, é que eu consegui perceber através de indícios muito tênues, nos três meses que antecederam a eleição, as principais características do que seria o governo dele: diletantismo, clientelismo, fisiologismo. [...] Eu sempre digo: eu devia pagar o dízimo petista, porque ele me deu uma popularidade inimaginável.

2.2.2 Gênero desenho animado – Breves considerações

Os desenhos animados da televisão têm uma íntima relação com as histórias em quadrinhos, nas quais se enquadra o *cartum*, que expressa opiniões sobre várias questões, entre elas as políticas, religiosas e sociais, mas de uma maneira atemporal.

O *cartoon*, *cartune* ou *cartum* pode ser definido como um desenho humorístico, acompanhado ou não de legenda, geralmente com caráter extremamente crítico, retratando o dia-a-dia de uma sociedade. Esse tipo de desenho pode também ser considerado do gênero comédia e ocupa um lugar especial na imprensa escrita atual.

Os *cartoons* televisivos utilizam-se de recursos auditivos, lançando mão também da música e da voz do personagem.

Na criação dos personagens dos desenhos animados, deve-se priorizar a expressão rítmica e dramática, ligada à mobilidade e aos sons, modificando as leis físicas, exagerando nas caricaturas, deformações e simplicidade dos personagens (Disponível em: <http://www.fazendagenero7.ufsc.br/artigos/Simone_Olsiesky_54.pdf>. Acesso em: 18 out. 2007).

2.2.3 Apresentação do desenho animado *O Coiote e o Papa-Léguas*

Este desenho animado foi criado em 1949 pelo americano Charles Martin “Chuck” Jones (1912 – 2002) e permaneceu na televisão até 1970, mas ainda hoje é repetido em alguns canais. Ele faz parte da família de desenhos *Looney Tunes*, produzida pela *Warner Bros*. Sua inspiração veio dos clássicos desenhos de

perseguição gato-rato, tipo *Tom e Jerry*, com roteiros simples e violência absurda, mas inofensiva. Afinal, uma das leis que rege esse desenho, como detalhado mais adiante, assim como todos os outros desenhos violentos da época, é que ninguém pode se machucar de verdade.

O ponto principal, ou o tema do desenho, gira em torno dos personagens Coiote (no original *Wile E. Coyote*, também conhecido como *Wile Coiote* ou *Coiote Coió*), “espécie de lobo americano (*Canis latrans*), comum desde o Alasca até a Guatemala” (FERREIRA, 1975, p. 343), um carnívoro demasiadamente magro e sempre faminto, que tenta sem sucesso capturar o Papa-Léguas (no original, *Road-Runner*, também conhecido como *Bip-Bip* e galo-corredor), um tipo de pássaro muito rápido, sempre “voando” para não ser a comida do Coiote.

É importante ressaltar que os dois personagens são baseados em animais reais, nativos dos desertos do sudoeste norte-americano. No começo dos episódios desse desenho animado, há sempre um quadro parado que surge com o nome científico dos protagonistas, em latim não confiável, geralmente dando ênfase à fome e à estupidez do Coiote e à velocidade do Papa-Léguas.

O Coiote, provavelmente o mais inteligente e também o mais azarado de sua espécie (*Carnivorous vulgaris*), nome que recebeu quando criado, supera todos os desafios que encontra nas rodovias do deserto, produzindo, com os produtos ACME, empresa fictícia que fabrica de tudo, invenções geniais que sempre fracassam em sua intenção de capturar o Papa-Léguas. Todos os seus inventos não só falham como se voltam contra ele, mas o Coiote nunca se machuca de verdade e suas quedas não o perturbam.

Já o Papa-Léguas (*Geococcyx californiana*), pássaro grande e de pernas compridas, astuto, muito veloz e com uma sorte absurda (ao contrário do Coiote),

sem notar o perigo dos planos mirabolantes do Coiote para abocanhá-lo, sempre sai ileso das armadilhas preparadas por seu arquiinimigo, e passa por ele correndo, fazendo “beep-beep.”

Vale destacar que esse desenho animado não tem diálogo, a não ser o “beep-beep” do Papa-Léguas e ocasionais placas escritas (geralmente usadas pelo Coiote para falar com a platéia).

O desenho retrata a eterna batalha dos dois personagens entre a necessidade de um (o Coiote) pegar o outro (o Papa-Léguas) e a agilidade deste em escapar das artimanhas que encontra pela frente, preparadas por aquele; entre a provocação do Coiote e a esperteza e agilidade do Papa-Léguas, sempre se safando dos artefatos perigosos que o primeiro lhe prepara, e assim por diante, nos vários episódios. Enfim, são dois personagens famosos e hilários do mundo dos desenhos animados.

Chuck Jones revelou que a equipe responsável pela dupla dinâmica obedecia a normas simples, mas que deviam ser levadas a sério. Em seu livro “Chuck Amuck”, Chuck Jones nos apresenta as dez regras para o desenho, que achamos interessante citar para uma maior compreensão do desenho animado (Disponível em: <<http://www.autobahn.com.br/desenhos/papaleguas.html>>. Acesso em: 16 nov. 2006):

1. O Papa-Léguas nunca pode machucar o Coiote, a não ser quando faz “beep-beep!”
2. Nenhuma força externa pode machucar o Coiote – somente sua própria inépcia ou a falha de algum dos produtos ACME que ele usa.
3. O Coiote poderia parar (de perseguir o Papa-Léguas) a qualquer momento – se ele não fosse um fanático (“Um fanático é aquele que dobra os esforços quando ele esquece seu objetivo.” – George Santayana).
4. Nunca pode haver diálogo entre os dois personagens, exceto por “beep-beep!” O Coiote pode, no entanto, falar com os telespectadores por placas.
5. O Papa-Léguas tem que ficar sempre na estrada – senão, é claro, ele não seria chamado de “*Road Runner*” (o nome original, em inglês).

6. Tudo que acontece no desenho acontece no *habitat* natural dos dois personagens – o deserto americano.
 7. Todos os materiais, ferramentas, armas ou mecanismos são da marca ACME.
 8. Sempre que possível, a gravidade deve ser a pior inimiga do Coiote.
 9. O Coiote é sempre mais humilhado do que machucado por suas derrotas.
- E a última regra, não-oficial:
10. Os telespectadores sempre ficam do lado do Coiote. Afinal, alguma coisa tem que dar certo para ele, não é?

Interessante observar que a foto que sempre vem impressa na coluna do jornalista Diogo Mainardi, na revista semanal *Veja*, da qual ela faz parte, é a do próprio colunista (Anexo B, p. 79). Mas, justamente, nesse artigo, que é o *corpus* em análise, nos deparamos não com o retrato sempre habitual do articulista, mas, sim, com o retrato do próprio Coiote a que o texto se refere, um dos personagens do desenho animado (p. 36).

Podemos fazer uma leitura não-verbal dessa foto, que nos fornece elementos para a contribuição e constituição do personagem. Notamos que a cara do animal, o Coiote, não está estampada como a de “bons amigos”; pelo contrário, o seu semblante é o de uma criatura enfezada, irresignável, cheia de raiva e rancor, inconformada com as situações pelas quais passa no texto, com o peito estufado, as sobrancelhas completamente arqueadas e ameaçadoras, bochechas alongadas e inchadas, orelhas bastante abertas e pontiagudas, olhar incisivo e amedrontador, em posição de alerta, pronto para novos embates com o Papa-Léguas. O título *Minha vida de Coiote* já prenuncia a presença desse personagem, foco do assunto e crítica do artigo. Mainardi, ele mesmo, se transmutou, se personificou na figura do Coiote com todas as características descritas acima, pois, afinal, é ele mesmo quem afirma, na **linha 1**, “eu sou o Coiote”. Ele está pronto para enfrentar o Lula, o Presidente do Brasil. A foto do Coiote é a foto do Mainardi em posição de ataque.

CAPÍTULO 3 O *CORPUS* EM ANÁLISE

3.1 A INTERDISCURSIVIDADE

A interdiscursividade, no *corpus* em estudo, leva em conta a ligação entre dois discursos: o discurso particular, jornalístico do autor Diogo Mainardi, e o discurso do gênero do desenho animado de Chuck Jones, que é de outra ordem social.

Em outras palavras, podemos dizer que o autor, em seu texto, dialoga, inspira-se e utiliza-se de outro tipo de discurso, o do desenho animado, cuja temática predominante é a que ele vai usar para desenvolver o seu próprio discurso. O desenho animado é o artifício em que o autor se baseia; apodera-se, no bom sentido, das idéias nele contidas, a fim de liberar toda a sua criação na montagem de seu texto, ora se situando nele em tempo real e atual, ora se referindo ao desenho animado para transmitir ao leitor o objetivo que deseja alcançar com a sua coluna.

A princípio, apresentamos as partes do texto, com as linhas numeradas, onde a interdiscursividade se faz presente, tanto no que diz respeito ao desenho animado quanto no que concerne ao texto do artigo. Depois, fazemos um comentário sobre o papel dos recursos lingüísticos utilizados nas partes destacadas, apresentando a nossa interpretação a respeito da interdiscursividade para o sentido e a expressividade do texto.

Primeiramente, gostaríamos de comentar, desde já, o título dado ao artigo *Minha vida de Coiote*, pois é a partir daí que se inicia a interdiscursividade por meio

do discurso do desenho animado. O colunista toma para si o papel do Coiote, metáfora para Diogo Mainardi, que será explicitado mais adiante.

O autor sintetiza todo o seu texto na figura do Coiote, utilizando-se do substantivo “vida”, acompanhado de um pronome possessivo “minha”, reforçando a idéia do que será desenvolvido no texto, ou seja, *Minha vida de Coiote*; que podemos interpretar como *Minha vida de (Diogo Mainardi)*.

Linhas 1, 2, 8, 28 – “desenho animado”, “desenho animado de Chuck Jones” e “Chuck Jones dirigiu episódios do desenho animado de 1949 a 1965”.

Nessas linhas, o autor já define e nomeia com qual tipo de discurso vai dialogar em seu texto, ou seja, o discurso do gênero do desenho animado. Mainardi nos apresenta o criador do desenho, Chuck Jones, fazendo assim uma breve contextualização de que desenho se trata e da época em que foi transmitido pela TV. A partir do próprio título do texto, podemos deduzir que se trata do *cartoon O Coiote e o Papa-Léguas*.

Linhas 2 a 4 – “catapultas, foguetes, patins a jato, elásticos gigantes, tintas invisíveis, rochas desidratadas, comprimidos de terremoto.”

O jornalista enumera, por meio da escolha lexical de substantivos concretos (“catapultas”, “foguetes”), e alguns seguidos de adjetivos/locuções adjetivas (“patins a jato”, “elásticos gigantes”, “tintas invisíveis”, “rochas desidratadas”, “comprimidos de terremoto”), os vários tipos de truques, artimanhas e armadilhas que o Coiote prepara com o intuito de capturar sua presa, o Papa-Léguas. Conforme podemos notar, esses tipos de armadilha só podem fazer parte de um mundo de fantasia, pertencente ao mundo do discurso dos desenhos, onde tudo é irreal, permitido, e onde as catástrofes acontecem sem que seus protagonistas sejam afetados por nada grave. Diogo utiliza muito bem o recurso da interdiscursividade nesse trecho de

seu artigo. Um exemplo que caberia aqui ser lembrado é o do desenho animado *Tom e Jerry*, no qual o mesmo tipo de artifício é usado: seus personagens também não sofrem nenhum dano físico sério.

Linhas 5 a 7 – “grasnou aquele estridente bip-bip em minha orelha, assustando-me e fazendo-me cair num abismo, em geral com uma pedra de 10 toneladas na cabeça”.

Primeiramente, na parte da construção lingüística referente à análise sintática, verificamos a presença de um período composto por orações coordenadas reduzidas de gerúndio, “assustando-me e fazendo-me”. Bechara (2004, p. 164) classifica como oração reduzida coordenada “quando o gerúndio exprime um fato imediato e equivale a uma oração coordenada iniciada pela conjunção *e*”. Ele nos fornece um exemplo para melhor esclarecimento: “Compreendeu bem a lição, *fazendo* depois corretamente os exercícios (= *e fez* depois...)”. Essas orações apresentam ações em curso, posteriores à ação do verbo da oração principal “grasnou”.

Outra vez notamos a força da interdiscursividade no texto, pois Diogo nos fala em “abismo” e em “pedra de 10 toneladas na cabeça”. Só mesmo no mundo dos *cartoons* alguém cai em um abismo com um peso desses na cabeça e nada acontece; todos saem ilesos dos trágicos acidentes propositais.

Agora, o interessante é destacarmos que o autor está ora no discurso do desenho animado, ora em seu próprio discurso, como na passagem (**linha 5**), “estridente bip-bip em minha orelha”: o “bip-bip” é o som que o personagem Papa-Léguas emite, mas a “orelha” é a do autor. Novamente, há interdiscursividade: um diálogo entre o tema do desenho animado sendo desenvolvido, introjetado e fundido no texto e a formação do texto do autor.

Nessas linhas, Mainardi já prepara a entrada do personagem Papa-Léguas, começando a delineá-lo como sendo a metáfora do Lula (veremos com mais detalhes a interpretação da metáfora no texto, mais à frente). O Papa-Léguas produz um som estridente “bip-bip” – único som do desenho, além da trilha sonora, porque os personagens nada falam durante todos os episódios. Esse “bip-bip” é, a nosso ver, um som de escárnio, galhofa do Papa-Léguas (Lula) para com o Coiote (Mainardi), parecendo gabar-se de ser o mais esperto entre os dois, pois, afinal, quem cai nas próprias armadilhas é sempre o Coiote.

Linhas 9 a 11 – “Os dois protagonistas, mudos, confrontam-se num panorama deserto, onde só há pedras e cactos, cujos espinhos terminam invariavelmente fincados na pele do Coiote.”

Na parte gramatical, faz-se necessário ressaltar a importância do adjetivo “mudos” no contexto, pois os personagens não se atacam por meio das palavras, mas por ações. A utilização do verbo “confrontam-se” ratifica a idéia de que eles se enfrentam por meio de lutas e brigas.

O colunista reporta-se ao discurso do desenho animado, descrevendo-nos o *habitat* de seus personagens que, invariavelmente, é sempre o mesmo em todos os episódios. Seria uma contextualização do lugar onde os personagens vivem, lugar este somente existente nos desenhos.

Mainardi, finalmente, coloca os dois protagonistas em cena, mostrando-nos como eles agem ao ficarem um de frente para o outro, já adiantando ao leitor que o Coiote é um perdedor, pois sua pele está quase sempre com espinhos, que recaíram sobre ele, pois é ele próprio quem recebe os efeitos nefastos de suas armadilhas.

Linhas 20 a 23 – “O Coiote prepara uma armadilha. O Papa-Léguas passa incólume por ela. O Coiote se revolta e cai na própria armadilha. Quando se

recupera de seus efeitos calamitosos, prepara outra armadilha, num ciclo interminável.”

“O Coiote prepara uma armadilha” – Observamos, por meio da análise sintática, que essa primeira oração é constituída por um período simples com um verbo de regência de transitividade direta – verbo mais objeto direto.

“O Papa-Léguas passa incólume por ela” – Nesse segundo período, também simples, há um predicado verbo-nominal, com um predicativo do sujeito e um adjunto adverbial.

“O Coiote se revolta e cai na própria armadilha” – Ao analisarmos esse terceiro período, vemos que ele é composto por coordenação. O Coiote é mesmo um perdedor pois, além de se revoltar pelo fato de sua armadilha não ter tido o efeito desejado, ele ainda comete o erro de ele mesmo ser a vítima de seus cálculos mal elaborados.

“Quando se recupera de seus efeitos calamitosos, prepara outra armadilha, num ciclo interminável” – Esse quarto e último trecho é um período composto por subordinação, com uma oração subordinada temporal anteposta à oração principal, mais um adjunto adverbial de modo no final do período. O Coiote não se cansa nunca, assim como Diogo Mainardi ao escrever tantas colunas destinadas a criticar e a atazanar o governo do Presidente.

Podemos destacar que todos esses períodos contêm verbos com significado de ação: “prepara”, “passa”, “se revolta”, “cai”, “se recupera”, “prepara”. Cabe-nos ressaltar, neste momento, a atitude comunicativa principal desses períodos, característica do tempo do mundo comentado, que adverte o ouvinte de que algo o afeta diretamente (KOCH, 2004a). O tempo verbal marcante em todos os períodos é o Presente do Indicativo, por meio do qual o autor trata e comenta o mundo. Esse

tempo verbal desempenha uma função no discurso, trazendo o tempo para o presente como se todas as ações estivessem acontecendo aqui e agora; seria um tempo atemporal. Os gramáticos Cunha e Cintra (2001) relatam-nos que um dos empregos do Presente do Indicativo é o presente habitual ou freqüentativo (expressa uma ação habitual, ainda que não exercida no momento em que se fala).

Nessas linhas, já podemos entender um pouco mais qual é o sentido e o desenrolar das histórias desse tipo de desenho animado, gênero fantasioso que desafia as próprias leis da natureza, fazendo com que o Coiote caia todas as vezes em suas próprias armadilhas, nas quais até “comprimidos de terremoto” existem, mas sempre “se recuperando de seus efeitos calamitosos”, ou seja, dos ferimentos que produziram.

Os protagonistas desse gênero de desenho estão sempre a correr, um tentando pegar o outro, como no exemplo de *Tom e Jerry*, já citado. O Coiote é o personagem que sempre prepara as armadilhas para tentar capturar sua presa, o Papa-Léguas, que, devido a sua tremenda esperteza e rapidez, sempre arranja um jeito de se safar das artimanhas de seu rival. Mas o Coiote é incansável em sua captura, e o ciclo dessas ações parece não ter fim, pois ele nunca consegue pegar o seu inimigo. É uma tentativa eminentemente cansativa, mas que, para o protagonista Coiote, um dia, quem sabe, dará certo. Será? Ele parece convicto que isso vai acontecer, tanto que insiste em suas tentativas.

Desse modo, podemos afirmar que o autor do texto utilizou-se do discurso do desenho animado para, de certa forma, tê-lo como base, a fim de fazer críticas sobre a difícil situação em que se encontra o governo do atual Presidente Lula.

Diogo Mainardi, no papel do Coiote, faz um paralelo entre o que o animal cansa de fazer para tentar capturar o Papa-Léguas, no papel de Lula, e o que ele,

como jornalista, cansa de nos alertar a respeito das irregularidades, corrupção, desmandos, desonestidade e muitas outras coisas mais sérias e completamente reprováveis, sem nenhuma ética, tão impregnadas, segundo sua opinião, no atual governo e dentro do próprio PT.

Mas, com as explicações que teceremos sobre a metáfora, a seguir, tudo ficará mais claro, pois, sem dúvida, o autor maneja essa figura de linguagem com imensa maestria em seu texto, tornando-o, de modo geral, quase que todo metafórico.

3.2 O SENTIDO DA METÁFORA

Apresentamos a seguir a interpretação das metáforas no texto.

Diogo Mainardi utiliza-se constantemente do recurso da metáfora em seu artigo, tornando-o intrigante, irônico, crítico, sagaz, original e engraçado, porque as metáforas com as quais o autor trabalha são produto do discurso do desenho animado, situações com carga semântica humorística por fazerem parte do mundo da fantasia, do irreal.

Como já foi depreendido da análise sobre a interdiscursividade, desnecessário se faz comentar sobre todas as metáforas presentes no texto. Para não tornar a análise repetitiva, destacamos somente as de maior importância no *corpus* e a interpretação decorrente de seu uso.

Sem dúvida alguma, os dois primeiros períodos do texto são metafóricos por excelência, por serem atribuídos a Lula e a Mainardi, os dois significantes, o mesmo sentido dos dois significados, o Papa-Léguas e o Coiote. No decorrer da análise, constatamos a razão de o autor ter recorrido aos personagens do desenho, pois já

sabemos que, por meio das metáforas utilizadas, devem existir semelhanças detectadas pelo autor para a realização dessa aproximação semântica.

A nosso ver, é importante ressaltar também, nesse primeiro parágrafo, a descrição de todas as artimanhas que Mainardi (**linha 2**, “recorri a todas as artimanhas...”), no papel do Coiote, prepara para Lula (**linha 4**, “Lula sempre conseguiu escapar.”), no papel de Papa-Léguas (**linhas 4 e 5**, “e depois de escapar, como o Papa-Léguas...”). Todas essas armadilhas trazem consigo um sentido de algo que é secreto, oculto e camuflado, em que ninguém pode sequer imaginar seu esconderijo. Podemos fazer um paralelo dessas artimanhas com as “armadilhas” que alguns membros do governo Lula terminaram por nos preparar, pregar e até nos “presentear”.

A princípio, houve tentativas de que todas as improbidades realizadas por aqueles membros ficassem encobertas, guardadas, reservadas e escondidas “a sete chaves”, mas, aos poucos, a imprensa começou a divulgar e a denunciar explicitamente tudo de errado e ilícito que acontecera, desarmando, desnudando e rechaçando todos os envolvidos. A mídia foi incansável em nos revelar toda a sordidez que acontecia nos bastidores do mandato de Lula, mas nada ainda ficou devidamente provado. Quiçá, um dia, tudo fique definitivamente desmascarado e comprovado.

Nas **linhas 11 e 12**, o articulista Diogo começa a descrever quem é o Papa-Léguas, utilizando-se de substantivos acompanhados de adjetivos pejorativos, com carga semântica altamente negativa: “besta primária”, “um oportunista microcéfalo perfeitamente adaptado ao seu meio”. Como Lula é o Papa-Léguas, podemos inferir que essas características são também as de Lula, “adaptado ao seu meio”, que é o do PT, partido ao qual é filiado, cercado por seus companheiros, envolvidos em

corrupções, propinas, desvio de dinheiro e numerosas ações ilícitas. Segundo ainda Mainardi, Lula, no papel do Papa-Léguas (**linhas 12 e 13**), “sabe apenas fugir e se esquivar” de suas promessas de campanha, repisando sempre não ter tido envolvimento algum com qualquer fato ou acontecimento denunciado pela imprensa.

O Coiote, que é a metáfora para Diogo Mainardi, é descrito pelo autor como um ser humano honesto, crédulo, um “humanista”, mas “otário”, porque acredita num futuro melhor e mais promissor com que o PT e seus correligionários lhe haviam acenado nas campanhas eleitorais. O autor se utiliza do conectivo “por sua vez” (**linha 13**) para mostrar a diferença de um personagem para o outro, tanto no desenho animado quanto em sua visão de si e de Lula no texto. Mas, apesar de ser “a caricatura do humanista otário”, o Coiote “acredita no triunfo da racionalidade, do conhecimento, do engenho humano, da lei, do progresso social, da tecnologia” (**linhas 13 a 15**). Verificamos a presença de uma série de adjuntos adnominais com carga semântica positiva, e que, ao mesmo tempo, não deixam de ser um auto-elogio que Mainardi faz a si mesmo, pela metáfora que é do Coiote.

Nas **linhas 16 a 18**, o autor nos brinda com inúmeras e interessantes metáforas para o Coiote e para o Papa-Léguas, por meio de personagens da História e da Literatura (Anexo A, p. 71): “Lamarck”, “Darwin”, “Settembrini”, “Naphtha”, “Bouvard e Pécuchet” e “a tempestade que devasta sua lavoura”. Todos os períodos começam com orações subordinadas adverbiais condicionais, seguidas da oração principal, cada um deles formado por duas orações. Esses períodos apresentam idéias opostas para nos apresentar, de modo claro e incisivo, a grande diferença entre o Coiote e o Papa-Léguas, conseqüentemente entre Mainardi e Lula.

O Coiote é Lamarck, um naturalista essencialista, que acreditava nas leis do uso e desuso e da transmissão genética dos caracteres adquiridos. Os trabalhos de

Lamarck também foram constantemente rejeitados pela comunidade científica britânica, por terem sido associados à noção de radicalismo político. Lamarck escrevia sempre às claras, ao contrário de Darwin, que o fazia de maneira secreta. Será que Mainardi considera os temas de suas colunas politicamente radicais para se comparar a Lamarck? Ou, mais provavelmente, será que Mainardi, igualando-se a Lamarck, já antevia o fracasso de sua empreitada, assim como fracassaram as leis que este defendia? Muitos leitores consideram Mainardi um pretensioso, audacioso e corajoso, por expor seus pensamentos de maneira tão contundente acerca de Lula, seu governo e seu partido.

O Papa-Léguas é Darwin, um naturalista britânico, autor da Teoria da Seleção Natural, que explicava como a evolução das espécies se dava por meio da seleção natural e sexual. Ele temia que a sua teoria não fosse bem aceita por estar associada a agitadores democráticos radicais na Inglaterra, comprometendo, assim, sua reputação. Darwin passou décadas para desenvolver seus estudos e o fazia sempre em segredo. Diogo, por meio da metáfora de Darwin para Papa-Léguas e, conseqüentemente, para Lula, critica a posição de o Presidente sempre ter afirmado nunca se ter envolvido com os escândalos de seu governo. Assim como Darwin, Lula e a sua equipe trabalhavam na surdina com o intuito de se eximirem de qualquer culpa ou comprometimento nas corrupções que mais tarde foram debeladas pela imprensa.

O Coiote é o humanista Settembrini, o Papa-Léguas é o jesuíta Naphta: os dois personagens citados são do livro de Thomas Mann, “A Montanha Mágica”. Settembrini era um humanista clássico, literato, culto, depositava sua fé na razão, na ciência e no progresso, como o próprio autor, Diogo Mainardi, tachado de neoliberal por seus opositores e, por si próprio, conforme descrito nas **linhas 13 a 15**, “O

Coiote, por sua vez, é a caricatura do humanista otário que acredita no triunfo da racionalidade, do conhecimento, do engenho humano, da lei, do progresso social, da tecnologia.” Como já foi dito, Diogo Mainardi tece vários comentários a respeito de si mesmo, colocando-se como um intelectual acima da inteligência do Presidente Lula. Naphta era amigo e adversário ideológico de Settembrini. Atacava o liberalismo e denunciava a sociedade capitalista, assim como Lula o fazia em seus discursos, antes de galgar o poder. Novamente uma comparação entre Lula e Mainardi, com suas contradições e maneiras diferentes de ser.

E, finalmente, o Coiote é Bouvard e Pécuchet, personagens da obra de mesmo título de Gustave Flaubert: são dois amigos que percorrem o mundo em busca de conhecimento e que têm sua horticultura fracassada, pois tudo que planejavam e plantavam dava errado. Já “o Papa-Léguas é a tempestade que devasta sua lavoura” (**linha 18**). Assim como Mainardi escreve, inutilmente, colunas e mais colunas a respeito de Lula e de seu governo à deriva, Lula consegue sempre sair ileso de todas as culpas que pairam sobre sua cabeça.

Há que ressaltar, também, na **linha 23**, a frase “num ciclo interminável”. Os episódios do desenho animado contêm sempre o mesmo tipo de “enredo”, assim como os artigos de Mainardi abordam o mesmo tipo de tema, semana após semana, com denúncias às maracutaias do governo Lula.

Convém destacar uma comparação feita por meio de citação nas **linhas 23 a 25**: “Chuck Jones definiu o Coiote como um fanático, citando o filósofo George Santayana, para quem ‘um fanático é aquele que redobra seu empenho quando já esqueceu seu objetivo’”. George Santayana é um filósofo espanhol, humanista, poeta e grande pensador, autor de “A Vida da Razão”. A observação feita acima por Chuck Jones é para o Coiote, conseqüentemente para Mainardi, que o citou, por ser

ele mesmo, Mainardi, um fanático, sempre a agir, segundo seu instinto e reflexo, de maneira repetitiva, como o Coiote. Diogo continuará a redigir suas colunas, semanalmente, sempre tentando atingir o seu maior inimigo e rival, o Presidente.

Já o recurso discursivo do “mas” (KOCH, 2004a, p. 156) em “mas não ria. Porque você cairá junto comigo” (**linhas 38 e 39**) introduz um argumento forte e decisivo para o fechamento do texto:

A estratégia do **mas** é, pois, a de frustrar uma expectativa que se criou no destinatário [...] Interessante é notar que Garcia (1978, *apud* KOCH, 2004a, p. 157), ao falar da argumentação, diz que, ao **defender** uma tese, deve-se utilizar uma estrutura semelhante à do **mas**: apresentar primeiro todos os argumentos contrários à tese, sem dar a conhecer a própria posição, e depois invalidá-los pela introdução, através do **mas**, de argumentos mais fortes (decisivos).

O uso do Imperativo Negativo logo a seguir do “mas não ria” (**linha 38**) é empregado com “o intuito de exortar o nosso interlocutor a cumprir a ação indicada pelo verbo. É, pois, mais o modo da exortação, do conselho, do convite, do que propriamente do comando, da ordem.” (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 477). Em que pese o fato de o Imperativo Negativo indicar conselho; apesar disso, também traz consigo, neste texto, um forte sentido de ordem, de advertência por parte do autor.

Diogo, na oração, “porque você cairá junto comigo” (**linhas 38 e 39**), dirige-se a “você”, enquanto indivíduo/leitor que acabou de ler o texto em estudo. Ele emprega o Futuro do Presente, logo depois de “você”, “para indicar fatos certos ou prováveis, posteriores ao momento em que se fala.” (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 458).

Vale destacar a presença de uma metáfora da vida cotidiana nessa **linha 38** do texto. Esse tipo de metáfora está tão infiltrado em nossas vidas cotidianas que às vezes não a percebemos de imediato. Nessa oração, verificamos a presença de uma metáfora orientacional, porque nela há um conceito de uma orientação espacial. De

acordo com Lakoff e Johnson (2002, p. 60), “tais orientações metafóricas não são arbitrárias. Elas têm uma base na nossa experiência física e cultural.” Lidamos aqui com as metáforas de espacialização “para cima – para baixo”. Exemplo: “Eu caí em depressão”.

Na metáfora “cairá junto comigo”, a base física da metáfora é a queda que corresponde à decepção e à tristeza. Mainardi, seus leitores e todo o povo brasileiro nutriam esperança com a eleição de Lula para Presidente, mas somente obtiveram decepção.

O substantivo “abismo” (**linha 38**) é de suma importância na interpretação que o autor nos oferece no desfecho de seu texto. Assim como o Coiote, Diogo tentará descobrir porque seus planos e denúncias não surtiram efeito e até prevê sua queda no abismo, que é uma “abertura, sulco natural, quase vertical, de fundo praticamente insondável; voragem, vértice, sorvedouro, abissal, precipício, despenhadeiro” (FERREIRA, 1975, p. 7). O colunista nos previne de que sua queda no abismo não será solitária, mas, também, que cada um de nós, leitores e cidadãos do Brasil, cairá junto com ele, quando toda a farsa do governo Lula ficar provada. É bom lembrarmos que o abismo é um lugar profundo e sem saída e que, provavelmente, de lá não sairemos jamais.

3.3 AS FUNÇÕES DA LINGUAGEM

De acordo com o que já foi exposto na Fundamentação Teórica, Fairclough (2001) distingue três funções da linguagem: a identitária, a ideacional e a relacional. Devido à importância das funções para a compreensão mais profunda do texto, necessário se faz analisar cada uma delas no *corpus* em estudo.

Nesse contexto, começamos por focalizar a função identitária, função da linguagem que estabelece as identidades sociais no discurso, as posições de sujeito e os tipos de eu. É por meio dela que podemos perceber as características da identidade do autor do texto, Diogo Mainardi e, também, as de Lula. Quanto a esse aspecto, “a identidade na comunicação se constrói pelas relações que estabelecemos com os outros e com o meio em que vivemos, por meio do desempenho de papéis em eventos sociais” (Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Linguística_Funcional>. Acesso em: 05 nov. 2007).

Nas **linhas 1, 26, 28 e 36**, o colunista utiliza-se de um recurso lingüístico fortemente característico da função identitária, que é o uso do pronome pessoal do caso reto da primeira pessoa do singular, “eu”. Mainardi, por ser um profissional de opinião, articulista que expõe suas idéias por meio da revista *Veja*, já deixa bem claro que o texto é dele, portanto de sua inteira responsabilidade os comentários que tece.

Ressaltamos outros recursos, que reforçam a idéia de Mainardi ser o “dono” do que diz, das opiniões e comentários que emite, como o uso dos pronomes possessivos, “minha” (**linha 5**) e “meu” (**linhas 32 e 35**), assim como alguns pronomes oblíquos da primeira pessoa do singular, “me” (**linhas 6, 31 e 38**), “mim” (**linha 36**) e “comigo” (**linha 39**).

Quanto aos tempos verbais, o autor emprega tanto verbos no Presente quanto no Perfeito do Indicativo, além de se valer, também, de outros modos temporais. O uso de verbos no tempo Perfeito do Indicativo na primeira pessoa do singular, “imitei” (**linha 1**), “recorri” (**linha 2**), “tentei” (**linha 26**), “resisti” (**linha 28**), “dediquei” (**linha 31**) e muitos outros, fazem parte do mundo narrado (KOCH, 2004a). O tempo Perfeito do Indicativo marca todas as unidades de ação da

narrativa. Tanto o locutor quanto o ouvinte assumem uma atitude passiva, relaxada, sem reação ao que está sendo relatado. Esse tempo verbal caracteriza uma ação produzida no passado, já concluída e afastada, portanto, do presente. O texto mostra as ações de Mainardi/Coiote em relação a Lula/Papa-Léguas para formar as identidades de cada um; nestes exemplos, especificamente, as características da identidade do próprio autor.

Conforme já foi dito anteriormente, o colunista recorre também ao uso de verbos no Presente do Indicativo, “sou” (**linha 1**), “confrontam-se” (**linha 9**) e “prepara” (**linhas 20 e 22**), só para citar alguns exemplos. Mas o verbo mais utilizado, sem dúvida, é o “ser”, principalmente, na sua forma “é” (**linhas 13, 16 e 17**), exemplos estes citados para a formação da identidade de Diogo/Coiote; e “é” (**linhas 1, 11, 16 a 18**), citados para a formação da identidade de Lula/Papa-Léguas, como afirmação categórica, fator de argumentação extremamente forte e incisivo, que não deixa dúvidas ou qualquer hesitação nas importantes idéias que o autor deseja firmar, ratificar e reforçar no texto. O parágrafo segundo é o melhor exemplo para representar o exposto, quando o autor se refere às personagens do contexto histórico e literário mundiais, utilizados para a formação de suas significativas, originais e inteligentes metáforas. O uso dos verbos no Presente do Indicativo caracteriza o mundo do tempo comentado, conforme Koch (2004a), dando à narrativa maior vivacidade, aproximando a cena, enfatizando-a e atualizando-a para o presente. Esse tempo, mesmo, nos fornece uma idéia de certeza, de segurança daquilo que o autor quer exatamente nos transmitir. O uso do mundo comentado é um recurso fundamental, de grande relevância na formação da função identitária no texto, porque nos revela o que Lula fez e como Mainardi preparou suas denúncias às coisas que Lula e seus correligionários “aprontaram”.

O autor, neste específico *corpus*, mescla e alterna os tempos do Presente e do Perfeito, passando do narrado ao comentado e vice-versa, sem que haja nenhuma interrupção, deficiência ou truncamento da compreensão desejada.

Uma outra colocação relevante para a análise do texto são situações por meio das quais encontramos o julgamento de valor do autor, sua opinião e avaliação dos fatos que comenta e denuncia. Como exemplos, podemos citar os da **linha 4** (“Nada deu certo”), **linhas 8 e 9** (“O maior achado do desenho animado de Chuck Jones é sua absoluta essencialidade”), **linhas 11 a 16** (“O Papa-Léguas é uma besta primária, um oportunista microcéfalo perfeitamente adaptado ao seu meio, que sabe apenas fugir e se esquivar das ciladas preparadas pelo Coiote. O Coiote, por sua vez, é a caricatura do humanista otário que acredita no triunfo da racionalidade, do conhecimento, do engenho humano, da lei, do progresso social, da tecnologia. E é repetidamente punido por causa disso”), **linhas 19 e 20** (“A comicidade do Coiote e do Papa-Léguas não está na variedade das piadas. Pelo contrário: está no repisamento infinito da mesma piada”) e **linha 35** (“O resultado do meu esforço será o mesmo de sempre”). O autor chega a essas conclusões depois de apresentar todo o “enredo” do desenho animado, por meio das metáforas e da interdiscursividade, em papéis que ele próprio e, principalmente, o Presidente representam na realidade de nosso País. São valores éticos e morais, nos quais Mainardi acredita, e que não estão sendo devidamente valorizados no atual governo.

E não podemos deixar de considerar a própria construção da identidade de Lula, pois, afinal, é a ele que Diogo se dirige o tempo todo, com as suas críticas e a elucidação de fatos do governo. O autor constrói a identidade de Lula de acordo com o que ele julga e pensa do Presidente: são julgamentos de valor pessoal que estão bem delineados pelo uso do pronome pessoal “eu”. Os exemplos quanto a esse

aspecto encontram-se no último parágrafo do texto, no qual Mainardi descreve a respeito de seus processos contra Lula, da ação popular que pretende mover contra o filho de Lula e dos casos de financiamento ilícito do PT. Nessas linhas, Diogo nos revela e desnuda algumas das artimanhas e falcatuas do governo Lula, deixando ao leitor a liberdade de concordar ou não com o que diz.

A outra função da linguagem, a ideacional, nos mostra como os textos significam o mundo, seus processos, entidades e relações.

Na função ideacional – “a linguagem tem como finalidade a manifestação de conteúdos que estejam ligados à experiência que o falante possui do mundo concreto, real ou de seu universo subjetivo, interior” (Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Lingüística_Funcional>. Acesso em: 05 nov. 2007).

No texto de Mainardi há referências à História e à Literatura, e o leitor precisa ter o conhecimento compartilhado com Mainardi para compreender o texto.

Para analisarmos o *corpus*, é imprescindível sabermos quem são o Coiote e o Papa-Léguas, porque o personagem do Coiote já vem imediatamente citado no título do artigo.

É quanto a esse aspecto de compreensão do que o autor vai narrar e tratar em seu texto que o conhecimento de mundo se revela de grande valia e tremenda importância, a fim de que o leitor entenda totalmente os recursos utilizados para essa determinada situação textual.

Há três momentos significativos no texto em que o conhecimento de mundo, utilizado pelo jornalista, precisa ser pesquisado pelo leitor.

O primeiro momento acontece logo no início do texto (**linhas 1 a 11**), quando Diogo utiliza o recurso do desenho animado *O Coiote e o Papa-Léguas*. Nesse caso, é importante que o leitor saiba a respeito desse desenho, em particular, pois,

caso contrário, ele não conseguirá ter a percepção do propósito do colunista para com o texto.

O segundo instante está localizado mais ou menos na metade do texto **(linhas 16 a 18, 24 e 25)**, quando o articulista faz referências a personagens da nossa História contemporânea mundial, ao citar cientistas e filósofos famosos, como Lamarck, Darwin e George Santayana, e protagonistas de livros importantes da literatura francesa, alemã e americana: Settembrini, Naphta, Bouvard e Pécuchet (Anexo A, p. 71). Acreditamos que o escritor, ao citar tantos nomes desconhecidos, a princípio, faça com que o leitor pesquise e busque informações a respeito deles, a fim de entender de maneira ainda melhor o texto.

E o terceiro momento está situado no final do texto, quando Mainardi discorre sobre fatos políticos da nossa realidade **(linhas 30 a 35)**, fatos estes que também necessitam de um conhecimento prévio por parte do leitor para a total compreensão do significado do texto em foco.

Entendemos que em cada ato de leitura se faz necessário que o leitor acione a sua memória sócio-histórica-ideológica, pois cada texto é construído a partir de uma coisa já dita. As palavras não são simplesmente consideradas neutras, mas carregam em si um valor ideológico. É bom ressaltar, também, que os textos da mídia, bem mais acessíveis ao leitor do que os textos literários e científicos, exigem que aquele tome um posicionamento sério e crítico, a fim de poder captar o sentido do texto, não fazendo deste uma leitura ingênua ou improdutiva, mas aprofundada em todos os sentidos que o texto dele exigir.

Como salientou Beaugrande (*apud* FÁVERO, 2001, p. 72), “como as pessoas sabem o que acontece no texto é um caso particular da questão de como as pessoas sabem o que acontece no mundo.”

O conhecimento de mundo pode ser adquirido tanto de maneira formal, por intermédio de estudos e leituras realizados previamente pelo leitor, que compõem a sua bagagem cultural, como de maneira informal, por meio da vivência de mundo que cada leitor vai acumulando ao longo de sua existência. Então, podemos concluir que o leitor compreenderá bem o texto quanto mais conhecimento formal e informal ele tiver.

A terceira função da linguagem, a relacional, revela-nos como as relações sociais entre os participantes do discurso são organizadas. O autor do texto procura conduzir o leitor a tomar posição a seu favor. Como o colunista é um formador de opinião, nada mais normal do que a tentativa de levar o leitor a interpretações que coincidam com a sustentação do seu dizer, defendidas por ele.

Já o leitor, por sua vez, deve munir-se de segurança, de senso crítico para fazer sua interpretação, tentando descobrir o que o texto quer dizer e quais os sentidos que nele circulam. De certa maneira, podemos dizer que a mídia, de modo geral, tem o poder de manipular os sentidos criados e divulgados por ela.

O exemplo dessa função relacional está explicitamente descrito no último parágrafo, quando Mainardi começa a discorrer sobre o que pretende fazer para tirar a máscara de Lula e de seus comparsas nas ilegalidades efetuadas por eles. É nessa hora que o autor chama o leitor a agir junto com ele, convocando-o para a árdua tarefa de revelar todas as mentiras relatadas pelo governo Lula. Diogo dirige-se ao leitor, de maneira clara e incisiva, nos dois últimos períodos do texto, quando diz (**linhas 38 e 39**) “mas não ria. Porque você cairá junto comigo.” O autor escreveu colunas e mais colunas, advertindo-nos de tudo o que estava acontecendo, mas o que fizemos foi rir de seu modo de escrever, de suas desconfianças. No final do texto, Mainardi, com o uso do Imperativo, forte e expressivo, nos inclui, a nós

leitores, na queda que sofreremos junto com ele quando tudo for revelado: a grande decepção na esperança de um Brasil mais limpo e com melhores condições de bem-estar de seu povo.

As três funções da linguagem, apesar de terem sido analisadas separadamente, para um melhor entendimento, não se apresentam separadas em qualquer texto. Pelo contrário, todas as três interagem ao longo do texto: “Essas três funções se combinam e se atualizam simultaneamente nas cláusulas, estruturando assim o contexto conversacional, equilibrando o ato de fala em representação (ideacional), troca (interpessoal) e mensagem (textual)” (Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Linguística_Funcional>. Acesso em: 05 nov. 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O discurso é prática social, discursiva e é o próprio texto, como nos ensina Fairclough (2001). O discurso integra a prática social e a discursiva numa construção e reconstrução contínua de textos/discursos, construindo a nossa história e modificando, por sua vez, as práticas sociais e os indivíduos.

O autor do texto, Diogo Mainardi, ao produzir seu instante discursivo, apropria-se da língua com o objetivo de transmitir suas idéias, convicções e mensagens, interagindo socialmente, enquanto sujeito de seu discurso, com o outro, seu leitor/interlocutor.

O *corpus* escolhido é constituído por um discurso da imprensa, considerado por alguns como textos de menor prestígio – para nós, um mero preconceito – mas, mesmo assim, esta análise de discurso não se torna menos interessante, pois constatamos que ela pode ser aplicada a qualquer tipo de texto, em especial ao jornalístico, que trata de fatos do dia-a-dia, contemporâneos.

A Análise de Discurso Crítica/ADC e as várias teorias que embasaram este estudo foram de fundamental importância para a compreensão do sentido do artigo *Minha vida de Coiote*.

A interdiscursividade é um dos recursos de maior relevância no texto, sendo utilizada inúmeras vezes de maneira incrivelmente original, resultando em extraordinária riqueza. O autor recorre ao gênero desenho animado e a dois de seus personagens centrais, o Coiote e o Papa-Léguas. E é por meio desse tipo de discurso que Mainardi constrói a sua identidade e a de Lula, tecendo as denúncias e críticas ao governo, de uma maneira velada, altamente incisiva. Mas é necessário que o leitor conheça esse específico desenho animado, para que o sentido

pretendido pelo autor se realize; caso contrário, o entendimento do texto não ficará completo.

Diogo faz uso de outro tipo de recurso, a metáfora, também de grande significado e de imprescindível importância no texto, quando diz que ele e Lula são o Coiote e o Papa-Léguas, respectivamente, e quando cita várias personalidades famosas da História e da Literatura mundiais. Gostaríamos de esclarecer que de todas as pessoas mencionadas, só uma delas, Darwin, era de nosso prévio conhecimento. Fomos assim obrigados a realizar pesquisa para apreendermos qual o sentido delas no texto. É esse o momento mais complexo do *corpus*, pois ali estão encerradas algumas das metáforas, que o autor utilizou, para construir as identidades de si próprio e de Lula. Sem dúvida alguma, o sentido das metáforas é de surpreendente relevância para a compreensão do texto, uma vez que, como dissemos anteriormente, a linguagem do artigo é extremamente metafórica.

Vale fazermos uma observação pertinente: a nosso ver, mesmo que o leitor não tenha conhecimento de quem sejam as personalidades enumeradas, ele não perderá o sentido do texto, porque o entendimento se fará de uma maneira parcial, mas, ainda, conservando as idéias que o autor pretende que o leitor capte.

Finalizamos a análise destacando as funções da linguagem no *corpus*, a saber: a identitária, a ideacional e a relacional. Em qualquer discurso, essas funções coexistem e se interpenetram na tessitura do texto. Os personagens do desenho animado, o Coiote e o Papa-Léguas, ajudam na construção da identidade do autor e de Lula, por meio dos verbos, adjetivos e substantivos empregados no texto, que caracterizam as ações dos dois personagens. Também a citação das personalidades da História e da Literatura forma a função identitária.

Para que a função ideacional se concretize nesses trechos em que estão as metáforas dos personagens do desenho, da História e da Literatura, é necessário que o conhecimento de mundo e o compartilhado sejam acionados pelo leitor, realizando a conexão que o autor pretende ao trazer nomes importantes para a composição de seu texto.

A função relacional também acontece concomitantemente com a ideacional, quando o produtor do texto convida, busca e até intima o leitor a participar do processo de conscientização dos fatos e falcatruas que estão ocorrendo na administração do governo Lula.

Cabe aqui ressaltar e comentar uma observação que Rocha (2005) apresentou ao falar da função do jornal – creio que possamos estendê-la também às revistas semanais, como *Veja*. Segundo ele, é sabido que o número de informações tem crescido de uma maneira espantosa, devido aos vários meios de comunicação que possuímos hoje em dia, mas se torna cada vez mais indispensável sermos capazes de ler nas entrelinhas. É para esse tipo de leitura que a Análise de Discurso Crítica procura explicar os caminhos e os sentidos, pois existe uma diferença de posicionamento entre os leitores/interlocutores ativos, que avaliam e criticam as informações, por meio de buscas e de mudanças, e os leitores/interlocutores passivos, que só recebem as informações sem nenhum tipo de questionamento.

Esperamos que o presente estudo possa contribuir para a formação de leitores críticos, atentos e conscientes do poder que a linguagem da imprensa e de outros meios de comunicação detém, em geral, aos nos “bombardear” todos os dias com suas manchetes e artigos alarmantes, apelativos, com o firme propósito de denúncia e, também, ao contrário, instrutivos e informativos, nos trazendo diversão, deleite e prazer. O leitor deve sempre estar alerta e cauteloso diante de textos

mediáticos, que nem sempre são dignos de serem considerados verdadeiros, mas deve saber diferenciá-los daqueles que refletem uma preocupação social. A função primordial da linguagem é saber utilizá-la de maneira correta e também saber extrair dela seu valor intrínseco para o nosso aprimoramento intelectual e crítico.

Os recursos lingüísticos usados com grande maestria pelo autor construíram a grandeza, a beleza e o valor expressivo do discurso em *Minha vida de Coiote*.

REFERÊNCIAS

AGUSTINI, Carmem Lúcia Hernandes. *A estilística no discurso da gramática*. São Paulo: Pontes. Fapesp, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1986.

----- . *Problemas da Poética de Dostoiévski*. 2ª ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997 (tradução direta do russo de Paulo Bezerra).

----- . *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª ed. rev. e ampl. 14ª reimpr. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004 (coordenação da tradução por Fabiana Komesu da obra *Dictionnaire D'Analyse du Discours*).

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 3ª ed, 12ª imp., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e Mudança Social*. (Tradução: Izabel Magalhães org.). Brasília: Editora Universidade de Brasília. (do inglês: *Discourse and social change*. 1992. Cambridge, Polity Press.), 2001.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de. *Gramática*. 10ª edição revista e ampliada. São Paulo: Ática S.A., 1992.

FÁVERO, Leonor Lopes, *Coesão e Coerência textuais*. 9ª ed., 3ª imp. São Paulo: Ática, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1ª ed, 10ª imp., Rio de Janeiro: Nova Fronteira S. A., 1975.

GARCIA, Othon Moacir. *Comunicação em prosa moderna*. 7ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 1978.

HALLIDAY, M.A.K.; HASAN, Ruqaiya. *Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. 3ª reimpressão. Oxford, Oxford University Press, 1991.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Argumentação e Linguagem*. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2004a.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *A Coesão Textual*. 19ª ed. São Paulo: Contexto, 2004b.

----- . *Introdução à Lingüística Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e Compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça e TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A Coerência Textual*. São Paulo: Contexto, 2006.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: Mercado de Letras, 2002 (tradução pelo Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora (GEIM) sob coordenação de Mara Sophia Zanotto e pela tradutora Vera Maluf).

MAINGUENEAU, Dominique. *Elementos de lingüística para o texto literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996 (Tradução de Maria Augusta de Matos; Revisão da tradução de Marina Appenzeller).

MARTINS, Nilce Sant' Anna. *Introdução à Estilística*. 3ª ed. São Paulo: T. A., 2003.

MOISÉS, Massaud, *Dicionário de Termos Literários*. 2ª ed, revista, São Paulo: Cultrix, 1978.

MOLINIÉ, Georges. *Eléments de stylistique française*. Paris: P.U.F., 1986.

MONTEIRO, José Lemos. *A Estilística: manual de análise e criação do estilo literário*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

PASCHOALIN, Maria Aparecida; SPADOTO, Neuza Terezinha. *Gramática: teoria e exercícios*. São Paulo: FTD, 1996.

PONTES, Eunice (org). *A Metáfora*. 2ª ed. Campinas: UNICAMP, 1990.

ROCHA, Harrison. *Repensando o ensino de língua portuguesa: uma abordagem multimodal*. Dissertação de Mestrado, UNB, 2005.

WEINRICH, Harald. *Estructura y función de los tiempos en el lenguaje*. Madri, Gredos, 1968.

ANEXO A INFORMAÇÕES SOBRE AS PERSONALIDADES DA HISTÓRIA E DA LITERATURA

JEAN-BAPTISTE LAMARCK



Jean-Baptiste Pierre Antoine de Monet, Chevalier de Lamarck (Bazentin, 1 de agosto de 1744 — Paris, 28 de dezembro de 1829) foi um naturalista francês que desenvolveu a teoria dos caracteres adquiridos, uma teoria da evolução agora desacreditada. Lamarck personificou as idéias pré-darwinistas sobre a evolução. Foi ele que, de fato, introduziu o termo biologia.

Originário da baixa nobreza (daí o título de 'chevalier'), Lamarck pertenceu ao exército, interessou-se por história natural e escreveu uma obra de vários volumes sobre a flora da França. Isto chamou a atenção do Conde de Buffon que o indicou para o Museu de História Natural de Paris. Depois de ter trabalhado durante vários anos com plantas, Lamarck foi nomeado curador dos invertebrados (mais um termo introduzido por ele), e começou uma série de conferências públicas. Antes de 1800, ele era um essencialista que acreditava que as espécies eram imutáveis. Mas graças ao seu trabalho sobre os moluscos da Bacia de Paris, ficou convencido da transmutação das espécies ao longo do tempo, e desenvolveu a sua teoria da evolução (apresentada ao público em 1809 na sua *Philosophie Zoologique*).

Teoria dos caracteres adquiridos

A teoria de Lamarck baseou-se em duas observações que, inicialmente, foram recusadas pela sociedade, como todas mais teorias revolucionárias da época. Foram apenas aceitas ao fim de algum tempo, e nelas a sociedade acreditou até que Charles Darwin as contradisse. As seguintes eram as observações:

1. **Uso e desuso** - Os indivíduos perdem as características de que não precisam e desenvolvem as que utilizam. O uso contínuo de um órgão ou parte do corpo faz com que este se desenvolva e seja apto para o correto funcionamento, e o desuso de um órgão ou parte do corpo faz com que este atrofie e com o tempo perca totalmente sua função no corpo do indivíduo.
2. **Transmissão das características adquiridas** - O uso e desuso de partes do corpo provocam alterações no organismo do indivíduo, essas alterações podem ser transmitidas às gerações seguintes. Por exemplo as crias das girafas herdam o pescoço comprido dos pais que supostamente o desenvolvem quando comem folhas das árvores mais altas.

Com estas observações em mente, Lamarck chegou a duas leis:

1. **Lei do uso e desuso** - "Nos animais que não passaram o limite do seu desenvolvimento, o uso mais frequente e contínuo de um órgão fortalece, desenvolve e aumenta gradualmente esse órgão, e dá-lhe um poder proporcional ao tempo durante o qual foi usado; enquanto que a não utilização permanente de qualquer órgão causa o seu enfraquecimento e deterioração e diminui progressivamente a sua capacidade para funcionar, até que finalmente desaparece";

2. **Lei das características adquiridas** - "Todas as características são adquiridas ou perdidas por imposição da natureza aos indivíduos, através da influência do ambiente no qual a espécie vive há muito, e por isso através da influência do uso predominante ou desuso permanente de qualquer órgão; todas são preservadas pela reprodução e transferidas para os novos indivíduos, desde que as modificações adquiridas sejam comuns a ambos os sexos, ou pelo menos tenham ocorrido no indivíduo que produz os novos".

Lamarck acreditava que, como o ambiente terrestre sofre modificações constantes, as suas alterações estruturais forçam os seres que nele vivem a se transformarem para se adaptarem ao novo meio. Ao longo de muitas gerações (milhões de anos), o acúmulo de alterações pode levar ao surgimento de novos grupos de seres vivos. Assim, modificações no ambiente causam alterações nas "necessidades", no comportamento, na utilização e desenvolvimento dos órgãos, na forma das espécies ao longo do tempo - e por isso causam a transmutação das espécies.

Lamarck defendia a geração espontânea contínua das espécies, com os organismos mais simples a serem depois transmutados com o tempo (pelo seu mecanismo) tornando-se mais complexos e próximos da perfeição ideal. Acreditava portanto num processo teleológico (orientado para um fim) em que os organismos se tornam mais perfeitos à medida que evoluem.

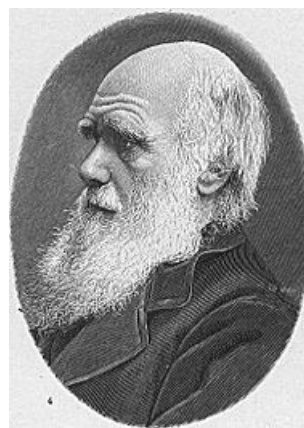
As teorias e os pensamentos de Lamarck podem ser considerados Transformistas, pois propõem a transformação e a evolução dos organismos. Suas idéias também evoluíram ao longo de seus estudos, e formaram um panorama que muito contribuiu para a biologia moderna. Seus estudos serviram de base a formulação da Teoria Sintética da Evolução de Charles Darwin.

É provável que a visão que os teóricos contemporâneos têm de Lamarck seja injusta. As contribuições dele para a biologia são muito importantes. Ele acreditava na evolução numa época em que não existiam muitos conhecimentos para sustentar essa teoria. Defendeu ainda que a função precede a forma, uma ideia controversa na sua época. No entanto, a herança dos caracteres adquiridos foi quase completamente refutada. August Weismann provou que a teoria era falsa em experiências em que a cauda de ratos era cortada para verificar se as crias nasciam com a cauda cortada. Algumas culturas humanas, como os Judeus, têm por hábito circuncidar os homens, mas após várias gerações os homens continuam a precisar de ser circuncidados. Mas Lamarck não considerava as mutilações como uma forma de adquirir novas características. Ele achava que só eram adquiridas novas características quando o animal se esforçava para satisfazer as suas próprias necessidades.

Charles Darwin elogiou Lamarck na terceira edição da A Origem das Espécies por ele apoiar o conceito da evolução e por ter contribuído para o divulgar. Darwin aceitava a ideia do uso e do desuso, e desenvolveu a sua teoria da pangenese em parte para explicar esse fenômeno. Não foi Darwin que refutou a teoria dos caracteres adquiridos, mas sim a descoberta dos mecanismos celulares da hereditariedade e da genética (ideias que Darwin reconheceu que precisava para completar a sua teoria).

(Disponível em: <http://wikipedia.org/wiki/Jean-Baptiste_Lamarck> Acesso em: 30 jun. 2007).

CHARLES DARWIN



Durante a sua vida, Charles Darwin tornou-se famoso internacionalmente como um influente cientista estudando tópicos controversos.

Charles Robert Darwin (Shrewsbury, 12 de Fevereiro de 1809 — Downe, Kent, 19 de Abril de 1882) foi um naturalista britânico que alcançou fama ao convencer a comunidade científica da ocorrência da evolução e propor uma teoria para explicar como ela se dá por meio da seleção natural e sexual. Esta teoria se desenvolveu no que é agora considerado o paradigma central para explicação de diversos fenômenos na Biologia. Foi laureado com a medalha Wollaston concedida pela Sociedade Geológica de Londres, em 1859.

Darwin começou a se interessar por história natural na universidade enquanto era estudante de Medicina e, depois, Teologia. A sua viagem de cinco anos a bordo do Beagle e escritos posteriores trouxeram-lhe reconhecimento como geólogo e fama como escritor. Suas observações da natureza levaram-no ao estudo da diversificação das espécies e, em 1838, ao desenvolvimento da teoria da Seleção Natural. Consciente de que outros antes dele tinham sido severamente punidos por sugerir idéias como aquela, ele as confiou apenas a amigos próximos e continuou a sua pesquisa tentando antecipar possíveis objeções. Contudo, a informação de que Alfred Russel Wallace tinha desenvolvido uma idéia similar forçou a publicação conjunta da teoria em 1858.

Em seu livro de 1859, "A Origem das Espécies" (do original, em inglês, *On the Origin of Species by Means of Natural Selection, or The Preservation of Favoured Races in the Struggle for Life*), ele introduziu a idéia de evolução a partir de um ancestral comum, por meio de seleção natural. Esta se tornou a explicação científica dominante para a diversidade de espécies na natureza. Ele ingressou na Royal Society e continuou a sua pesquisa, escrevendo uma série de livros sobre plantas e animais, incluindo a espécie humana, notavelmente "A descendência do Homem e Seleção em relação ao Sexo" (*The Descent of Man, and Selection in Relation to Sex*, 1871) e "A Expressão da Emoção em Homens e Animais" (*The Expression of the Emotions in Man and Animals*, 1872).

Temendo tanto as críticas científicas quanto as religiosas, Darwin passou décadas desenvolvendo as suas teorias evolutivas quase sempre em segredo.

Darwin era agora um eminente geólogo no meio científico formado por clérigos naturalistas, com uma renda segura e trabalhando secretamente em sua teoria. Ele tinha muito a fazer, escrevendo sobre todos os seus achados e supervisionando a preparação dos vários volumes da "Zoologia" que deveriam descrever as suas coleções. Ele estava convencido da ocorrência da evolução mas, desde muito tempo, sempre esteve consciente de que a idéia de transmutação de espécies era vista como uma blasfêmia, bem como era associada com agitadores democráticos radicais na Inglaterra; portanto, a publicação de suas idéias poderia significar a demolição de sua reputação e, conseqüentemente, a sua ruína. Assim, ele fazia experimentos minuciosos com plantas e consultava freqüentemente muitos criadores de animais, incluindo criadores de pombos e porcos, na tentativa de encontrar repostas convincentes para todos os contra-argumentos que ele conseguia antever.

Quando FitzRoy publicou seu livro sobre a viagem do Beagle em maio de 1839, o diário e comentários de Darwin foram um grande sucesso. Mais tarde naquele ano, o diário foi publicado isoladamente em um livro que se tornou um sucesso de vendas hoje conhecido como "A Viagem do Beagle" (*The Voyage of the Beagle*). Em dezembro de 1839, durante a primeira gravidez de Emma, a

saúde de Darwin voltou a ficar comprometida e ele conseguiu avançar muito pouco em seus trabalhos no ano seguinte.

Darwin tentou explicar sua teoria para amigos mais próximos, mas eles demoraram a mostrar interesse e pensavam que uma seleção exige um selecionador divino. Em 1842 a família se moveu para a sua casa no campo (Down House) para escapar da pressão de Londres. Ali, Darwin escreveu um pequeno texto esboçando a sua teoria que, em 1844, seria expandido para um documento de 240 páginas intitulado "Ensaio". Darwin completou seu terceiro livro sobre geologia em 1846. Auxiliado por um amigo, o jovem botânico Joseph Dalton Hooker, ele iniciou um estudo aprofundado sobre cracas. Em 1847, Hooker leu o "Ensaio" e fez comentários que forneceram a Darwin a opinião externa que ele precisava.

Darwin temia publicar a teoria de forma incompleta considerando o fato de que as suas idéias sobre evolução poderiam ser altamente controversas se, de fato, alguma atenção fosse dada a elas. Outras idéias sobre evolução - especialmente o trabalho de Jean-Baptiste Lamarck - tinham sido consistentemente rejeitadas pela comunidade científica britânica e foram associadas à noção de radicalismo político. A publicação anônima de "Vestígios da História Natural da Criação" (*Vestiges of the Natural History of Creation*) em 1844 gerou outra controvérsia sobre radicalismo e evolução e foi severamente atacada pelos amigos de Darwin, o que assegurava que nenhum cientista de reputação iria querer estar associado com tais idéias.

Para tentar tratar a sua doença, Darwin foi a um spa em Malvern em 1849 e, para a sua surpresa, verificou que os dois meses de tratamento com água o ajudaram. Em seu estudo sobre cracas ele descobriu "homologias" que suportavam a sua teoria por mostrar que partes de um corpo levemente modificadas poderiam servir a funções diferentes em novos contextos. Foi então que a sua querida filha Annie adoeceu despertando novamente os seus temores de que sua doença pudesse ser hereditária. Após um longo sofrimento, ela morreu e Darwin perdeu toda a sua fé em um Deus benevolente.

Nesta época, ele conheceu o jovem naturalista, e livre pensador, Thomas Huxley que se tornaria um amigo próximo e grande aliado. O trabalho de Darwin sobre cracas (Cirripedia) lhe valeu a medalha real da Royal Society em 1853, estabelecendo definitivamente a sua reputação como biólogo. Ele completou este estudo em 1854 e voltou a sua atenção para a sua teoria de transmutação de espécies.

(Disponível em: <http://wikipedia.org/wiki/Charles_Darwin> Acesso em: 30 jun.2007)

SETTEMBRINI E NAPHTA

A MONTANHA MÁGICA

Thomas Mann foi, sem dúvida, um dos maiores romancistas do século XX. Apreciador de sua obra, adiei por muitos anos a leitura de um dos seus livros mais célebres, "A Montanha Mágica". (Nova Fronteira, 801 páginas). Semana passada, devorei-o. Toda a história se passa nas montanhas geladas de Davos, Suíça, em um sanatório para pacientes tuberculosos, nos anos que antecedem a primeira guerra mundial. Hans Castorp, o protagonista, dirige-se ao sanatório para visitar um primo. Sua intenção era a de passar três semanas no local, em férias. Lá, descobre que também é portador da doença e fica internado por longos 7 anos.

A trama desenvolve-se a partir de uma imensa metáfora sobre aquela que é a busca essencial, a busca pelo sentido da existência. Nos contatos com os demais pacientes e nas relações que vai construindo, Castorp conhece dois personagens antípodas e fascinantes: Settembrini e Naphta. Settembrini, um humanista clássico; literato e extraordinariamente culto, deposita sua fé incondicional na razão, na ciência e no progresso. Italiano, neto de um carbonário e membro da maçonaria, Settembrini despreza as superstições, o clero e as monarquias, Seu amigo e adversário ideológico, Naphta, de origem judaica e convertido ao catolicismo, é jesuíta, também dono de vasta bagagem

cultural. Naptha ataca o liberalismo e denuncia a sociedade capitalista como uma estrutura desalmada; o faz, entretanto, em nome das tradições monárquicas sustentando a pena de morte, legitimando a tortura e apresentando, diante da idéia de morte, uma posição que mistura fascínio e reverência. Os debates filosóficos que os dois travam antecipam, de alguma forma, as opções com as quais a humanidade haveria de se encontrar diante do nazismo logo depois. Falta algo de substancial às posições de Settembrini - que alguns analistas imaginaram se tratar de uma caricatura do filósofo marxista húngaro G. Lukács. A expectativa incondicional em favor da razão, por exemplo, não pode mais ser sustentada em termos estritamente iluministas. Desde a contribuição da "Escola de Frankfurt" (Adorno, Horkheimer, Habermas, etc) , pelo menos, é preciso incorporar a idéia de que a razão, em sua dimensão instrumental, foi capaz de erguer, à direita e à esquerda, fornos crematórios e Gulags. O fato é que nossas simpatias não podem deixar de se inclinar diante de posições de Settembrini quando contrastadas com o rancor de Naphta.

(Disponível em: <<http://www.rolim.com.br/2002/modules.php?name=News&file=article&sid=57>> Acesso em: 30 jun. 2007).

BOUVARD E PÉCUCHET

Bouvard e Pécuchet (o último romance do autor de *Madame Bovary*) é também uma obra-prima do romance moderno: narra o encontro de dois parisienses solitários e antagônicos, o seu imediato entendimento e partilha de vida percorrendo o mundo em busca de conhecimento.

Aquilo a que se chama amor à primeira vista vale para todas as paixões. Antes do fim dessa semana tratavam-se por tu. [...] Era freqüente irem-se procurar um ao outro nos respectivos escritórios. Logo que um aparecia, o outro fechava a sua carteira e saíam juntos para a rua. *Bouvard* caminhava a grandes pernadas, enquanto *Pécuchet*, multiplicando os passos, com a sobrecasaca a bater-lhe nos calcanhares, parecia deslizar sobre patins. Também os seus gostos específicos se harmonizavam. *Bouvard* fumava cachimbo, gostava de queijo, tomava regularmente o seu copinho. *Pécuchet* cheirava rapé, só comia compotas à sobremesa e molhava um torrão de açúcar no café. Um era confiante, irrefletido, generoso. O outro, discreto, meditativo, poupado. [...]. *Pécuchet* foi contagiado pela aspereza de maneiras de *Bouvard*, *Bouvard* contraiu algo da melancolia de *Pécuchet*.

(Disponível em: <http://www.livroscotovia.pt/livros/ficção_t/bouvard.htm> Acesso em: 30 jun.2007)

Dois indivíduos, Bouvard e Pécuchet, decidem, após os 50 anos, e, em virtude de uma herança inesperada, reformarem-se dos seus empregos e começar uma nova vida. Vão para o campo, compram uma quinta e começam a cuidar desta, com a ajuda de livros sobre vários aspectos da agricultura. Após algumas más experiências, decidem, em virtude de julgarem que o fracasso se deveu a deficientes conhecimentos na composição e decomposição de organismos, à química. Mais livros, mais estudos, mais experiências, e chegam à medicina; mais livros, mais dúvidas, chegam à história, e depois à arqueologia; o mesmo sistema de livros, investigações e dúvidas; e o rol de experiências nos mais diversos campos não acaba, sempre no meio da sociedade em que vivem, no campo, cujos vizinhos assistem, muitas vezes estupefatos, à miríade de experiências, algumas bem sucedidas, daqueles dois irrequietenos comparsas, indo a fundo em todas as áreas em que se metem, para nunca conseguirem chegar à certeza de tudo - é o retrato cômico da eterna busca do ser humano, nunca satisfeito e querendo ir sempre ao fundo das coisas, para descobrir que não há assunto nenhum em que se possa ter um conhecimento suficientemente sólido e profundo, tudo é subjetivo e qualquer experiência fora do normal na sociedade é alvo de fortes críticas e contestações.

Não obstante, atravessaram com grande entusiasmo, além das áreas referidas acima, a literatura, a política, o amor, a ginástica, o magnetismo (!), o espiritismo, a religião (o momento apoteótico do livro) e a educação.

É uma leitura hilariante e ao mesmo tempo extremamente inteligente de conteúdo, dado as imensas controvérsias que surgem, sob a forma de reflexões e diálogos sobre todo o tipo de assuntos, um livro que congrega vários tipos de debate sobre temáticas objetivas e subjetivas, com vários pontos de vista em disputa, mas onde nunca ninguém consegue uma supremacia clara sobre ninguém, mostrando a perenidade do conhecimento humano, quando submetido a uma análise mais aturada.

O livro não foi terminado mas tem umas notas finais do autor que mostram como é que o livro acabaria - esse final é bem revelador de toda a gênese do livro, e o corolário de tudo o que este mostrou.

(Disponível em: < http://www.citador.pt/biblio.php?op=21book_id=637 > Acesso em: 30 jun. 2007)

BOUVARD E PÉCUCHE

Gustave Flaubert nasceu em 1821, em Rouen, França.
Morreu em Croisset, 1880.
"Bouvard e Pécuchet", romance póstumo e incompleto, foi publicado em 1881.



Dois homens apareceram. "Um vinha da Bastilha, outro do jardim Botânico." "Para limpar a testa", continua Flaubert, "tiraram os chapéus; e o baixinho viu escrito no chapéu do vizinho 'Bouvard', enquanto este distinguia facilmente no boné do sujeito de sobrecasaca a palavra 'Pécuchet'. Olha! - disse ele - tivemos a mesma ideia, de mandar gravar os nossos nomes nos chapéus." É que podiam roubar-lhos no escritório.

E assim nasceu uma amizade - cheia de coincidências, de disparates, de solidão- entre Bouvard ("alto, vestido de algodão, chapéu caído para trás, colete desabotoado e gravata na mão") e Pécuchet ("baixo, cujo corpo lhe desaparecia numa sobrecasaca castanha").

Bouvard recebe uma choruda herança de um tio - 140 mil francos com os quais não sabe o que fazer. E se fosse viver para o campo, deixar o terrível trabalho de copista, arregaçar as mangas, podar roseiras, apalpar a terra, plantar tulipas? E se Pécuchet fosse com ele?

Assim foi. Levaram meses até encontrar a casa certa - "fugiam da vizinhança, e contudo temiam a solidão". Ou era junto de fábricas ou longe dos lugarejos, demasiado cara ou barata, o vento do mar prejudicial para a saúde, o interior demasiado seco. Seria assombrada por fantasmas? Haveria um passado de crimes?

Lá se decidiram. A herança era grande e podiam dar-se ao luxo de se dedicarem aos trabalhos do campo. Plantas, legumes, frutas. Mas não foram bafejados pela sorte. Tudo murchou. Estudaram agronomia, horticultura, jardinagem, arboricultura. Fabricar conservas. Mas a produção era zero e o défice cada vez maior. Desistiram. "É talvez por não sabermos química!"

E estudaram química. Descontentes com os resultados, estudaram fisiologia, medicina, astronomia. "Bem gostaria de saber como se faz o universo!", disse Pécuchet. Geologia, mas "a nomenclatura irritava-os", escreve Flaubert. Arqueologia, e roubaram sarcófagos e cubas, a casa transformou-se

num museu de pedras soltas. "Donde concluíram que os fatos exteriores não são tudo. É preciso completá-los com a psicologia. Sem a imaginação, a História é imperfeita. - Vamos mandar vir alguns romances históricos!"

Walter Scott, Alexandre Dumas, Corneille, Racine, Voltaire, Balzac, George Sand. Quiseram saber tudo sobre o amor, o sujeito filosófico, a política, o socialismo, o belo, a estética, o sublime, a escrita, Deus, a Bíblia, a educação. Apaixonaram-se, mas as mulheres revoltavam-nos. Quiseram saber tudo sobre tudo - "mas não tardaram a aborrecer-se, porque os seus espíritos precisavam de um trabalho, as suas vidas de um objetivo", escreve o autor.

Flaubert explicou um dia, numa carta a Adèle Perrot, que "Bouvard e Pécuchet" seria "uma enciclopédia da estupidez humana - verá que o sujeito é ilimitado". Mas o autor de "Madame Bovary" não chegou a terminar esta obra, publicada postumamente. Metódico e disciplinado, deixou um plano escrito sobre como deveria acabar o romance. São essas explicações que vêm no final do livro, três páginas de tópicos sobre os destinos dos dois amigos. Aí se verá que a obra é fascinante - não é só um retrato da superficialidade dos conhecimentos, mas uma dura denúncia das banalidades da vida intelectual francesa. Numa carta a Ivan Turgueniev, em Agosto de 1874, Flaubert escreveu: "Parece-me que vou embarcar numa viagem enorme por regiões desconhecidas e de que não voltarei mais." Era mesmo verdade.

"O estilo está antes sob as palavras do que nelas."

(Disponível em: <<http://www.publico.clix.pt/colecoes/cmf3/escritores/81 -GustaveFlaubert/texto.htm>>
Acesso em: 30 jun. 2007)

GEORGE SANTAYANA

Aqueles que não conseguem lembrar o passado, estão condenados a repeti-lo"

O progresso, longe de consistir em mudança, depende da capacidade de retenção. Quando a mudança é absoluta, não permanece coisa alguma a ser melhorada e nenhuma direção é estabelecida para um possível aperfeiçoamento; e quando a experiência não é retida, como acontece entre os selvagens, a infância é perpétua. Aqueles que não conseguem lembrar o passado, estão condenados a repeti-lo.

George Santayana, A Vida da Razão (1905), volume I, capítulo XII

Ao tornar-se um clichê, essa observação de George Santayana, filósofo americano nascido na Espanha (1863-1952), perdeu toda sua profundidade. É comum, hoje, ela ser citada como "aqueles que não lembram o passado..." e, sob essa forma, ela se reduz a um conselho dentro de um contexto específico. "Aprendam sua história, meninos e meninas, ou da próxima vez que [insira aqui uma atrocidade] surgir, vocês não vão lembrar o que aconteceu na primeira vez."

Não que isso seja falso; mas não era o que Santayana queria dizer. Ele usou o verbo **conseguir** -- os que não conseguem lembrar -- por uma razão. Ele queria dizer "os que são literalmente incapazes de lembrar". Esse é o caso das crianças e dos "selvagens", para os quais tudo recomeça a cada novo dia, com o esquecimento das experiências e das lições do dia anterior. Não que essas pessoas (e alguém poderia questionar o termo "selvagens") escolham ser ignorantes; o que acontece é que elas são incapazes de um pensamento histórico.

Nessa condição de esquecimento, a pessoa é incapaz de tomar qualquer decisão bem fundamentada e é incapaz de progredir. Ela vai simplesmente continuar a agir segundo o instinto e o reflexo que, por sua natureza, são repetitivos. Cada dia é mais ou menos o mesmo dia, e é isso que Santayana quer dizer com "repetir o passado." [...]

Em homens e mulheres, perspicácia de raciocínio e lembrança do passado favorecem o progresso e a auto-realização, a conquista do ideal de cada um. Portanto, meu amigo, vá correndo vasculhar seus livros de história.

(Disponível em: <<http://www.geocities.com/Athn/4539/santayana.html?200730>> Acesso em: 30 jun. 2007)

ANEXO B REFERÊNCIAS HISTÓRICO-POLÍTICAS DO GOVERNO LULA

Diogo Mainardi

Os xingamentos de Lula



"Para sorte do presidente, minha honra custabarato. Quero receber um ressarcimento de apenas 38 500 dólares, a mesma quantia que o espião da Kroll lhe atribuiu no paraíso fiscal"

Um espião da Kroll, contratado por Daniel Dantas, atribuiu a Lula uma conta num paraíso fiscal. Lula se descontrolou. Partiu para o insulto. Não contra Daniel Dantas, que o espionou, e sim contra VEJA, que noticiou o fato. O presidente sabe que sempre dá para negociar com Daniel Dantas. Com VEJA não dá.

Lula disse que "a VEJA tem alguns jornalistas que estão merecendo o prêmio Nobel de irresponsabilidade". Ele disse também que na revista não há "uma única pessoa que tenha 10% de sua dignidade e honestidade". Lula acrescentou que todos sabiam a que jornalista ele se referia, pelo que "ele tem feito nesses últimos meses". E concluiu: "Quem escreve uma matéria daquela é bandido, mau-caráter, malfeitor, mentiroso".

O autor da matéria sobre Daniel Dantas é Márcio Aith. Em 2004, na *Folha*, ele revelou a primeira parte do relatório Kroll. Na semana passada, em VEJA, ele deu outro furo, revelando a segunda parte do relatório Kroll, com os números das contas bancárias dos líderes petistas. Minha coluna foi publicada como um adendo à matéria principal. Nela, Daniel Dantas acusou o governo de concussão, incriminando diretamente o presidente. Não se sabe ao certo quem Lula pretendia chamar de bandido, mau-caráter, malfeitor e mentiroso, se Márcio Aith ou eu. Alberto Dines, que tem uma mentalidade igual à de Lula, e consegue entender o que ele fala, interpretou da seguinte maneira: "Embora o presidente tenha protestado em termos impróprios contra Márcio Aith, fica evidente que se referia ao parajornalista e pau-mandado Diogo Mainardi".

Decidi processar Lula. Meus advogados já mandaram um pedido de esclarecimento ao STF. Caso Lula confirme que o bandido, mau-caráter, malfeitor e mentiroso sou eu, processo-o por crime contra a honra. Para sorte do presidente, minha honra custa barato. Quero receber um ressarcimento de apenas 38.500 dólares, exatamente a mesma quantia que o espião da Kroll lhe atribuiu no paraíso fiscal. Metade do dinheiro vai para Márcio Aith.

Mas essa não é a única disputa que deverá ser resolvida nos tribunais. O espião da Kroll, numa das listas que encaminhou a VEJA, acabou grafando errado o nome de Antonio Palocci. O fato gerou uma gritaria danada. Não consigo entender os petistas. Por isso implico tanto com eles. Antonio Palocci não processou seu antigo parceiro Rogério Buratti, que o acusou de ser corrupto. Ao mesmo tempo, prometeu processar VEJA, que publicou uma lista em que ele é erroneamente chamado de Júnior. Ou seja, corrupto pode, Júnior não. Lula está certo. Não tenho 10% de sua dignidade e honestidade, se são esses os parâmetros do PT.

O mais espantoso na última semana foi a velocidade com que os jornalistas do aparato petista abafaram o caso Daniel Dantas. Eles descartaram qualquer possibilidade de que as contas de Lula e seus ministros pudessem ser verdadeiras. Mesmo sem saber quais eram. E não se interessaram em indagar sobre a concussão. Nesse ponto, eles foram ajudados pelos bandidos do PCC, que ocuparam todas as notícias. Os criminosos só se aplacaram quando ganharam uns aparelhos de televisão. Bem que alguém poderia mandar uns aparelhos de televisão para a sede do PT.

(Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/240506/mainardi.html>> Acesso em: 03 out. 2007)

"Só agora, com a revelação da Folha de que a Kroll se serviu da CIA para investigar Lula e seus ministros, a declaração de Delfim Netto, feita a mim em setembro do ano passado, ganhou um certo significado" Diogo Mainardi
"Quem sabe disso é a CIA"

Perguntei a Delfim Netto se ele sabia algo sobre as contas de Lula no exterior. Isso foi em setembro do ano passado. Estávamos no saguão da Câmara dos Deputados. Delfim Netto não é propriamente um interlocutor simples. Ele parece adormecer durante a conversa. Mesmo estando em pé. Não excludo que sua sonolência possa ter sido provocada por mim. É uma hipótese. Causo esse efeito sobre muita gente. O fato é que, quando mencionei as contas de Lula no exterior, ou num paraíso fiscal, já não lembro direito, Delfim Netto abriu momentaneamente os olhos e declarou:

– Quem sabe disso é a CIA.

Imediatamente depois de pronunciar a frase, Delfim Netto retornou ao seu estado de letargia. A declaração sobre a CIA, a única que consegui arrancar dele em mais de meia hora de encontro, ficou na minha cabeça. Por muito tempo, tentei dar-lhe alguma utilidade, citando-a numa coluna, sob um pretexto qualquer. Não consegui. Só agora, com a revelação da *Folha de S. Paulo* de que a Kroll se serviu da CIA para investigar Lula e seus ministros, a declaração ganhou um certo significado.

Perguntado a respeito, Delfim Netto certamente negará. Já estou acostumado com isso. Sempre me acusam de inventar histórias. Embora eu não invente nada. Pelo menos não aqui, na coluna. Não sei de onde Delfim Netto tirou a informação sobre a CIA. Só sei que ele é muito chegado a Daniel Dantas, que contratou a Kroll para desencavar as contas de Lula no exterior. Daniel Dantas tem uma poderosa bancada no Congresso Nacional, com representantes de todos os partidos, de Jorge Bornhausen a Paulo Delgado, de José Agripino Maia a José Eduardo Cardozo. Nos últimos anos, graças sobretudo a Naji Nahas, Delfim Netto passou a ser considerado um deles. Não é desarrazoado supor que a informação sobre a CIA tenha sido assoprada ali, naquele meio.

Lula nos amolou por trinta anos com sua gritaria contra o imperialismo americano. Agora que ele teria todos os motivos para gritar, estranhamente prefere ficar calado. Eu não gosto de Lula. Acho que ele é ruim para o país. Os leitores podem até me acusar de má-fé. Mas o silêncio do presidente é para lá de suspeito. A acusação de que a Kroll se apoiou na CIA para investigar as contas de autoridades brasileiras num paraíso fiscal é uma questão de segurança nacional. Exigiria uma reação imediata e dura. Se Lula não eleva o tom, é porque ele quer abafar o assunto. Quanto mais distante das manchetes, melhor. Minha única dúvida, a esta altura, é que assunto Lula quer abafar: a acusação de extorsão de Daniel Dantas, o envolvimento da CIA nas operações de espionagem ou os dados sobre uma conta bancária num paraíso fiscal. Se me pedissem um chute, eu chutaria que ele quer abafar os três. Mas será muito difícil obter uma resposta. Como diria Delfim Netto, quem sabe disso é a CIA.

Agora pode voltar a dormir.

(Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/070606/mainardi.html>> Acesso em: 03 out. 2007)

Diogo Mainardi
Teodoro e Teodorino

"Teodoro Mbasogo é o ditador da Guiné Equatorial. Teodorino é seu filho. No mundo inteiro, só consegui encontrar esses dois casos de presidentes em exercício cujos filhos controlam canais de TV: Lula e Lulinha, Teodoro e Teodorino"

Lula e Lulinha são como Teodoro e Teodorino. Teodoro Obiang Nguema Mbasogo, conhecido como "O Chefe", é o ditador da Guiné Equatorial. Está no poder desde 1979. Teodorino é seu filho. Tem um canal de TV. Internetei para cima e para baixo e, no mundo inteiro, só consegui encontrar esses dois casos de presidentes em exercício cujos filhos controlam canais de TV: Lula e Lulinha, Teodoro e Teodorino.

O canal de Teodorino é o RTV Asonga. O de Lulinha é o Play TV, antigo Canal 21, arrendado à Gamecorp pela Rede Bandeirantes. O contrato de arrendamento entre as duas empresas vale por dez anos. Inicialmente, a Gamecorp transmitirá seus programas por seis horas diárias, mas a idéia é se estender pelo dia todo. O sócio esperto de Lulinha, Fernando Bittar, é quem realmente manda na emissora. Lulinha é encarregado apenas de emprestar seu nome e embolsar os lucros.

Por mais de trinta anos, Lula e seus parceiros denunciaram o chamado coronelismo eletrônico, o sistema de favorecimento que garantiu a concessão de canais de TV, em nome próprio ou de parentes, a hierarcas nordestinos como José Sarney, Fernando Collor de Mello, ACM, Jader Barbalho, Garibaldi Alves, Albano Franco, Tasso Jereissati. Agora que Lulinha tomou posse de um canal de TV, ninguém parece se preocupar com isso, em particular os pelegos lulistas que controlam os sindicatos de jornalistas. Eu sempre desconfiei que o real desejo de Lula fosse virar um José Sarney. Pronto: virou. Lula e Lulinha são como Sarney e Sarneyzinho.

O arrendamento de um canal de TV pela Gamecorp não é só uma arbitrariedade política: é uma ilegalidade. Nas duas últimas semanas, amolei um monte de especialistas no assunto, que me apontaram todas as normas que estão sendo flagrantemente violadas pelos benfeitores de Lulinha. Eu sei que essas questões legais são uma chatice, mas a análise sobre o lulismo, por algum motivo, sempre acaba no mesmo lugar: no Código Penal.

Um canal de TV não pode ser explorado por uma empresa que tenha mais de 30% de seu capital social nas mãos de estrangeiros. Está no artigo 222 da Carta Constitucional. A Lei nº 10610, que regulamenta a matéria, considera "nulo qualquer acordo, ato ou contrato que, direta ou indiretamente, de direito ou de fato, mediante encadeamento de outras empresas ou por qualquer outro meio indireto", confira aos acionistas estrangeiros mais de 30% de um canal de TV. É o caso de Lulinha. O capital social da Gamecorp, de 5,2 milhões de reais, saiu quase integralmente da Telemar. A Telemar é uma empresa aberta, negociada nas bolsas de São Paulo e de Nova York. De acordo com os dados fornecidos pela própria operadora, os acionistas estrangeiros possuem 54,3% de seu capital social, superando amplamente o limite de 30%. Ou seja, o contrato de Lulinha é ilegal. Pior: é inconstitucional.

Lula, "O Chefe", não cairá por causa disso. Mas espero que seja o suficiente para melar o negócio de seu filho.

(Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/210606/mainardi.html>> Acesso em: 03 out. 2007)

A última sobre Dantas

"Dantas perguntou ao empreiteiro Sérgio Andrade qual era o papel de Lula no esquema do mensalão. Andrade, que é amigo de Lula, respondeu que o presidente não apenas sabia de tudo, como comandava o esquema"

Daniel Dantas já enjoou. Eu sei. Esta é minha última coluna sobre ele. Não quero virar um Mino Carta. Volto ao assunto apenas porque preciso me livrar de todo o material que acumulei nos últimos meses e que agora, com o acordo entre Daniel Dantas e Lula, perdeu a validade. Nada do que eu disser terá efeito prático. Dane-se. O que me interessa é esclarecer alguns pontos que ainda permanecem no ar.

Meu primeiro contato com Daniel Dantas e seus homens ocorreu em setembro do ano passado, depois que publiquei duas colunas acusando-o de ter financiado o mensalão. De lá para cá, foram muitos outros encontros, que me permitiram reconstruir suas idas e vindas com o governo. O que Daniel Dantas e seus homens me contaram confidencialmente foi o seguinte:

- Em meados de 2002, Naji Nahas informou a Daniel Dantas que o presidente da Telemar, Carlos Jereissati, tinha assinado um acordo com o PT, em troca de dinheiro para a campanha eleitoral. Pelo acordo, o governo tomaria a Brasil Telecom de Daniel Dantas e a entregaria à Telemar.
- Daniel Dantas reagiu da única maneira que conhece, oferecendo ele também dinheiro para a campanha de Lula. Em 30 de setembro de 2002, depois de tratar com Delúbio Soares e Antonio Palocci, um de seus homens entregou-lhes 2 milhões de dólares, num hotel em São Paulo.
- Quando Lula foi eleito, o presidente do Banco do Brasil, Cássio Casseb, assumiu o comando da trama lulista para tomar a Brasil Telecom. Daniel Dantas me mostrou uma carta de Casseb à diretoria do Citigroup. Na carta, Casseb afirmava que Lula odiava Daniel Dantas e que faria de tudo para tirá-lo da Brasil Telecom.
- Daniel Dantas teve acesso também a um documento que relata o encontro entre a diretoria internacional do Citigroup e Lula. O principal assunto do encontro era a retirada de Daniel Dantas da Brasil Telecom. Lula alega que nunca soube da bandalheira que ocorria à sua volta, mas o fato é que ele interferiu pessoalmente numa disputa comercial, pressionando um banco estrangeiro a favorecer um grupo privado que o financiava em detrimento de outro.
- Daniel Dantas perguntou ao empreiteiro Sérgio Andrade, da Andrade Gutierrez, qual era o papel de Lula no esquema do mensalão. Sérgio Andrade, que é amigo de Lula, respondeu que o presidente não apenas sabia de tudo, como comandava o esquema.

O resto da história já foi contado aqui e em outras matérias de VEJA, do achaque de 50 milhões de dólares praticado por Delúbio Soares à ajuda prestada por Daniel Dantas para acobertar o superfaturamento da empresa do filho de Lula. O único ponto que resta em aberto é a Kroll. Daniel Dantas conta que contratou a empresa para investigar um suposto desvio de dinheiro do presidente da Telecom Italia, Roberto Colaninno, na compra da CRT. Quando o caso de espionagem veio à tona, Daniel Dantas temeu ser preso. Um agente da Kroll foi contratado então para descobrir os dados bancários de Lula e de seus ministros no exterior. A lista que ele apresentou é aquela que está em poder do procurador-geral da República. Daniel Dantas tratou de desmerecer publicamente o trabalho do agente da Kroll, considerando seus achados inverossímeis. Em particular, ele e seus homens são muito menos céticos. Eles acreditam no agente da Kroll. Eu também.

(Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/140606/mainardi.html>> Acesso em: 03 out. 2007)

Entrevista com Dantas

"Lendo com cuidado, dá para ver o instante exato em que o Brasil acabou"

Daniel Dantas não fala. Para quem não fala, até que ele falou muito. O suficiente para mandar um monte de gente para a forca. Em primeiro lugar, Lula e seus ministros.

Passei quatro horas no escritório de Daniel Dantas, no Rio. No fim, arranquei dele meia hora de entrevista. Vale sobretudo como registro histórico. Lendo com cuidado, dá para ver o instante exato em que o Brasil acabou.

O PT PEDIU PROPINA AO OPPORTUNITY?

O que houve foi uma sugestão de que, se déssemos uma quantia expressiva ao partido, eles poderiam nos ajudar a resolver as dificuldades que estávamos tendo com o governo.

ENTÃO FOI PIOR DO QUE PROPINA: FOI EXTORSÃO. QUEM PEDIU O DINHEIRO?

Delúbio Soares.

QUAL A QUANTIA?

Entre 40 e 50 milhões de dólares. Era a necessidade de recursos que eles tinham. E Delúbio queria saber se poderíamos ajudá-los.

A QUEM FOI FEITO O PEDIDO?

A Carlos Rodenburg, que na época (julho de 2003) trabalhava conosco.

MARCOS VALÉRIO PARTICIPOU DO ENCONTRO?

Foi ele que marcou. Mas não estava presente quando foi feito o pedido.

VOCÊ PAGOU OS 50 MILHÕES DE DÓLARES?

Perguntei ao meu advogado, Nélio Machado, se o pagamento seria ilegal ou não. Ele respondeu que isso é tipificado no artigo 316 do Código Penal, e que não estaríamos incorrendo em crime algum.

PORQUE ERA UMA EXTORSÃO?

Não é exatamente esse o termo.

O QUE ACONTECEU DEPOIS?

Eu marquei uma reunião com o Citibank em Nova York e expliquei à diretora Mary Lynn que, se contribuíssemos com uma quantia muito grande para o PT, talvez nossas dificuldades cessassem, mas acrescentei que não era essa a minha expectativa. Ela me autorizou a dizer, em nome do Citi, que não seria possível pagar, porque isso contrariaria a lei americana.

ESSE FOI O PRIMEIRO PEDIDO DE DINHEIRO DO PT AO OPPORTUNITY?

Durante a campanha presidencial de 2002, Ivan Guimarães foi ao nosso escritório e entregou um kit do partido ao Carlos Rodenburg, com o objetivo de conseguir algum apoio financeiro. Rodenburg mandou devolver o kit, porque não sabia quem era Ivan Guimarães. Isso foi interpretado pelo PT como um ato hostil, mas nós éramos politicamente neutros e não tínhamos nada contra o partido.

POR QUE O GOVERNO QUERIA TIRAR O OPPORTUNITY DO COMANDO DA BRASIL TELECOM?

Porque havia um acordo entre o PT e a Telemar para tomar os ativos da telecomunicação, em troca de dinheiro de campanha.

A TELEMAR ACABOU COMPRANDO A EMPRESA DO LULINHA. POR QUE VOCÊS TAMBÉM NEGOCIARAM COM ELE? ERA UM AGRADO AO PRESIDENTE LULA?

Nós procuramos de todas as maneiras diminuir a hostilidade do governo.

O EX-PRESIDENTE DO BANCO DO BRASIL CÁSSIO CASSEB DISSE AO CITIBANK QUE LULA ODEIA VOCÊ.

Casseb disse também que ou a gente entregava o controle da companhia ou o governo iria passar por cima.

LULA SE REUNIU COM A DIRETORIA DO CITIBANK. ELE PRESSIONOU OS AMERICANOS A TRAIR O OPPORTUNITY E FECHAR UM ACORDO COM OS FUNDOS DE PENSÃO?

Não posso comentar nenhuma notícia que eu tenha obtido através dos documentos que constam do processo em Nova York.

VOCÊ CONFIRMA QUE A BRASIL TELECOM SÓ CONSEGUIU TER ACESSO AO DINHEIRO DO BNDES DEPOIS DE CONTRATAR O ADVOGADO KAKAY, AMIGO DE JOSÉ DIRCEU?

Houve uma sincronia entre os fatos.

Agora releia a entrevista. Mas sabendo o seguinte: Daniel Dantas cedeu aos achacadores petistas. Ele e muitos outros.

(Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/170506/mainardi.html>> Acesso em: 03 out. 2007)